



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARCIEL PEREIRA DOS SANTOS

**É SÃO JOÃO! CULTURA E EDUCAÇÃO:
SABERES E TRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM
CASTELO DO PIAUÍ.**

CAMPO MAIOR
2025.

MARCIEL PEREIRA DOS SANTOS

**É SÃO JOÃO! CULTURA E EDUCAÇÃO:
SABERES E TRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM
CASTELO DO PIAUÍ.**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à banca examinadora como
requisito parcial obrigatório para a obtenção
do título de pedagogo.

Orientador: Prof. Me. Francisco Lopes da
Silva Filho.

Campo Maior.
2025.

S237s Santos, Marciel Pereira dos.

É São João! cultura e educação: saberes e tradições na educação formal e não formal em Castelo do Piauí / Marciel Pereira dos Santos. - 2025.

78 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Licenciatura Plena em Pedagogia, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior-PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Francisco Lopes da Silva Filho".

1. Quadrilha junina. 2. Educação formal e não formal. 3. Identidade cultural. 4. Castelo do Piauí. I. Silva Filho, Francisco Lopes da . II. Título.

CDD 371.1

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecário) CRB-3^a/1188

**É SÃO JOÃO! CULTURA E EDUCAÇÃO:
SABERES E TRADIÇÕES NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM
CASTELO DO PIAUÍ.**

Marciel Pereira dos Santos

Banca Avaliadora: ____/____/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Lopes da Silva Filho (Orientador).

Prof. Me. Gleison Lima da Silva (Examinador 1).

Prof. Me. Marcelo Marcos de Araújo. (Examinador 2).

Dedico esse esforço aos quadrilheiros e amantes do movimento junino, em especial a minha junina Filhos da Massa e aos castelenses; também a minha saudosa avó Dona Joana *In memoriam*, a todos meus familiares e amigos em especial meu irmão Matheus, e a minha grande fonte de inspiração, minha mãe, professora Rosário.

*Ai que saudades que eu sinto
Das noites de São João
Das noites tão brasileiras nas fogueiras
Sob o luar do sertão
Das noites tão brasileiras nas fogueiras
Sob o luar do sertão.*

*Meninos brincando de roda
Velhos soltando balão
Moços em volta à fogueira brincando com o coração
Eita, São João dos meus sonhos
Eita, saudoso sertão, ai, ai.
Luiz Gonzaga- Rei do Baião*

Figura 1 - Marciel interpretando o personagem São João, 2022, Arquivo do pesquisador



AGRADECIMENTOS

Emocionante e vitorioso, este Trabalho de Conclusão de Curso é muito mais do que um marco acadêmico em minha vida; é a materialização de um sonho compartilhado, uma jornada pavimentada com amor, sacrifícios e incontáveis incentivos. As palavras são poucas para expressar a profunda gratidão que transborda neste momento.

Aos meus amados pais, **Roberto e Rosário**, meu muito obrigado por todo o suporte incondicional. Mãe, **Rosário**, minha professora, meu alicerce, minha psicóloga, minha fonte de admiração... Suas lições, seu carinho e sua presença constante foram o farol que me guiou em cada passo. Sua força e sua fé me impulsionaram a nunca desistir.

Pai, **Roberto**, sua imagem de guerreiro incansável, que enfrentou o sol e a enxada com bravura para garantir o sustento da nossa família. Suas mãos calejadas me ensinaram o valor do trabalho e a importância de lutar por um futuro melhor. E como bem diz a sabedoria popular, "melhor uma caneta na mão do que uma enxada". Esta caneta, pai, é fruto do seu suor e da sua dedicação.

Minha eterna gratidão à minha **avó Dona Joana** (in memoriam). Sua luz inspiradora, seu incentivo em vida e o sonho de ver seu neto formado e professor foram a força motriz que me impulsionou a chegar até aqui. Sua memória vive em cada conquista minha, e esta vitória é, em grande parte, sua. O seu incentivo é e sempre será a minha grande inspiração.

Ao meu irmão, **Matheus**, meu amigo, meu companheiro de vida e de quadrilha, este trabalho também é dedicado a você. Nossas risadas, nossas parcerias e nossa paixão pela cultura junina são laços que nos unem e nos fortalecem. Que esta conquista seja mais um motivo de orgulho para nós.

A meus irmãos, **Paulo e Emanuelle**, e aos meus queridos sobrinhos, **Davi, Vitória e Pedro**, muito obrigado por cada palavra e momentos de incentivo, obrigado minha prima **Carol e Tia Cirlene** por cada sorriso que me impulsionou a continuar essa jornada. Vocês são a alegria da minha vida e a motivação para seguir em frente.

Ao **Cadu**, meu porto seguro e meu mais fiel incentivador, toda a minha gratidão. Sua presença foi o alicerce que me manteve firme nos momentos em que a dúvida e o cansaço tentaram me derrubar. Cada palavra de encorajamento, cada ajuda no trabalho e a sua capacidade de me levantar quando eu decaía foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha amada **Quadrilha Junina Filhos da Massa**, este trabalho é nosso! Vocês são os principais interlocutores desta pesquisa, a minha fonte de força para continuar fazendo o

que mais amo: estar no meio cultural. Os tablados, a música, a dança, a energia que compartilhamos são a essência da minha paixão e a razão de ser deste projeto.

À **FEQUAJUPI**, por me reconhecer como um artista nato do Piauí. O incentivo e o apoio de vocês são fundamentais para que a cultura junina continue pulsando forte em nosso estado.

A **Deus** e a **Nossa Senhora do Desterro**, por me abençoarem e me guiarem em cada passo. Agradeço também a todos aqueles que, nos meus momentos de fraqueza, estenderam a mão e me levantaram.

À **UESPI**, como uma "mãe" durante a graduação, por me acolher, me ensinar e me proporcionar um ambiente de crescimento e aprendizado.

Ao meu orientador, **Professor Francisco Filho**, por toda a orientação, paciência e dedicação na conclusão deste trabalho. Sua contribuição e seu apoio foram cruciais para o resultado final.

Aos professores do curso de Pedagogia, em especial à **Professora Suênya**, **Professora Rebeca**, **Professora Samara**, **Professora Lucineide**, **Professor Gleyson**, **Professora Airan**, **Professora Telma**, à gestora do campus, **Professora Cruzinha** e todos os colaboradores da IES. Muito obrigado por todos os ensinamentos científicos, por cada momento de alegria em sala de aula e por contribuírem para a minha formação como profissional e como ser humano.

Aos meus colegas e amigos que a universidade me presenteou, em especial à **Jordana**, que esteve comigo desde 2019, lutando por essa graduação. Ao **Matheus Araújo**, pela amizade e por todos os momentos compartilhados. À **Gabriella e Lívia**, por todos os momentos de interação e companheirismo. À minha amiga **Luana**, e seus filhos **Maria Alice**, **Rebeca** e **João Lucas**, e à **Tia Francisca**, por todos os momentos especiais que compartilhamos, dentro e fora da universidade. Nossas alegrias, desesperos e até os momentos de sofrimento fortaleceram nossa amizade e tornaram essa jornada inesquecível. Ao **Osmano Moura**, por todo o incentivo e apoio inestimável, um agradecimento especial também àqueles que, com a generosidade de suas caronas, tornaram meus dias mais fáceis e a jornada até a graduação mais leve.

Esta vitória é de todos nós! Gratidão.

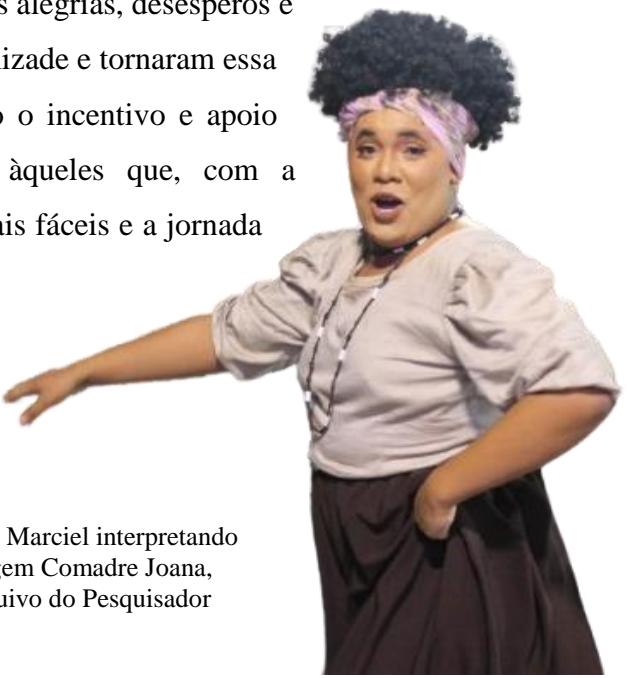


Figura 2 - Marciel interpretando a personagem Comadre Joana, 2023, Arquivo do Pesquisador

LISTA DE FOTOGRAFIAS E IMAGENS:

Figura 1: Marciel interpretando o personagem São João, pág. 5;

Figura 2: - Marciel interpretando a personagem Comadre Joana, pág. 6;

Figura 3: Festejos de Nossa Senhora do Desterro em Castelo do Piauí, pág. 30;

Figura 4: Quadrilha Junina Massacará, ano de 2006, pág. 32;

Figura 5: quadrilha Junina Massacará, ano de 2015, pág. 33;

Figura 6: Quadrilha Junina Filhos da Massa, ano de 2024, pág. 34;

Figura 7: 5º Arraiá do Povo, Castelo do Piauí, ano de 2016, pág. 38;

Figura 8: Temática da Filhos da Massa 2025, pág. 48;

Figura 9: Marciel como Diretor Artístico/Teatro na Filhos da Massa, pág. 59;

Figura 10: Teatro da Junina Filhos da Massa, 2022, pág. 60

Figura 11: Croqui Junino (Damas e Cavalheiros) Filhos da Massa 2024, pág. 61;

Figura 12: Casal Junino (Adalberto Bezerra e Marciel) Filhos da Massa 2024, pág.63;

Figura 13: Marciel como coreógrafo, no ensaio da Quadrilha Balanço do Rei, 2016, pág.68;

Figura 15: Casal destaque da Quadrilha Balanço do Rei, 2016, pág. 76;

Figura 16: Componentes/alunos da quadrilha Balanço do Rei da escola Waldemar Salles, 2016, pág. 76;

Figura 17: Componentes/alunos da quadrilha Balanço do Rei da escola Waldemar Salles, 2016, pág. 77.

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular
CETI-Centro Educacional em Tempo Integral
FEPIQ- Federação Piauiense de quadrilhas
FEQUAJUPI- Federação das Quadrilhas Juninas do Piauí
PNAB-Política Nacional Aldir Blanc
SIEC-Sistema de Incentivo Estadual à Cultura
AJUCA-Associação de Juventude de Castelo

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a atuação e os desafios enfrentados pelos grupos juninos no município de Castelo do Piauí (PI), sob a perspectiva de um quadrilheiro e agente cultural. Motivada pela experiência do autor no movimento junino, a pesquisa tem como objetivo compreender a produção da cultura junina, destacando sua relevância na educação formal e não formal, bem como na construção da identidade cultural local. Além disso, apresenta propostas de transposição didática, por meio de sequências didáticas, que utilizam as quadrilhas juninas como ferramenta pedagógica. O estudo também analisa os obstáculos relacionados à preservação da cultura local por meio dessas manifestações, identificando os grupos atuantes, suas estratégias de resistência e sua importância no processo educativo e na formação identitária. A metodologia adotada é qualitativa, com enfoque autobiográfico e etnográfico, valendo-se da observação participante na quadrilha "Filhos da Massa". Os resultados indicam que as quadrilhas juninas, especialmente a "Filhos da Massa", configuram-se como práticas pedagógicas e culturais legítimas, capazes de promover uma educação democrática e plural. A proposta didática inspirada na referida quadrilha evidencia o potencial transformador da educação ao integrar conteúdos escolares com elementos da cultura nordestina, fortalecendo o vínculo entre alunos e comunidade, bem como o papel social da escola.

Palavras-chave: Quadrilha Junina; Educação Formal e Não Formal; Identidade Cultural; Castelo do Piauí.

ABSTRACT

This TCC investigates the performance and challenges of "quadrilha junina" groups in Castelo do Piauí – PI, from the perspective of a "quadrilheiro" and cultural agent. Motivated by the researcher's personal experience in the "junino" movement, the study aims to understand the production of "junina" culture, highlighting its relevance in non-formal education and local cultural identity. The research questions the challenges for preserving this culture in school "junina" festivities, how cultural agents articulate the movement's continuity, and the importance of these celebrations in formal and non-formal education. The objective is to analyze obstacles to preserving local culture through "junina" manifestations, identifying groups, strategies, and their relevance in the educational process and identity formation. The qualitative methodology combines autobiographical and ethnographic approaches, with participant observation in the "Filhos da Massa" quadrilha, dialoguing with principles of non-formal education and active methodologies. The research concludes that "quadrilhas juninas," especially "Filhos da Massa," are legitimate pedagogical and cultural practices, promoting democratic and plural education. The didactic proposal based on "Filhos da Massa" exemplifies education's transformative potential by integrating school content with Northeastern elements, strengthening the student-community bond and the school's social role.

Keywords: Junina Culture; Non-formal Education; Cultural Identity; Junina Quadrilha; Castelo do Piauí.

SUMÁRIO

1.0 Introdução.....	13
2.0 Revisão de Literatura.....	19
2.1 Quadrilha Junina e Ensino: Entre a Educação Formal e não Formal.....	19
2.2 Autobiografia: Um Ato de Resistência Epistemológica.....	24
3.0 Ambiência e Contextualizações: Do Abc ao São João.....	27
3.1 As diversas manifestações culturais no município de Castelo do Piauí.....	27
3.2 As Festividades Juninas em Castelo do Piauí.....	31
3.3 Festividades Junina na Educação Formal em Castelo do Piauí.....	36
4.0 Anarriê e Alavantú - dos Passos para o Saber: Proposta Pedagógica e Transposição Didática.....	43
4.1 Entre Temáticas, Práticas e Narrativas: Quadrilhas Juninas e Transposição Didática.....	43
4.2 Do Popular ao Escolar: A Junina Filhos da Massa como Instrumento de Transposição Didática.....	49
5.0 Autobiografia e Identidade Cultural: A Experiência da Quadrilha Junina Filhos da Massa.....	56
5.1 A Construção Dramatúrgica: A Filhos da Massa Também é Teatro.....	57
5.2 A Construção dos Figurinos: A Filhos da Massa e os Processos Criativos.....	61
5.3 Ensaios e Construções: A Filhos da Massa na Cadência dos Passos.....	64
6.0 Metodologia.....	68
7.0 Considerações Finais.....	71
8.0 Referências.....	74

1.0 Introdução

As festividades juninas, representadas por elementos como o São João, as quadrilhas e os festejos populares, constituem um movimento cultural profundamente enraizado no cotidiano dos povos nordestinos. Assim como o consumo do cuscuz, tais celebrações são reconhecidas como marcadores simbólicos de identidade e pertencimento coletivo.

Atualmente, a vivência do São João ultrapassa os limites temporais tradicionalmente associados aos meses de junho e julho. Observa-se a consolidação de um "ciclo junino", no qual as manifestações culturais relacionadas a esse período são mantidas e renovadas ao longo de todo o ano.

Nesse contexto, os agentes culturais especialmente os organizadores de quadrilhas iniciam, imediatamente após o encerramento das comemorações juninas, processos contínuos de pesquisa, prática e elaboração de projetos. Essas investigações envolvem aspectos sociais e simbólicos com o objetivo de conferir relevância e significação às temáticas que serão posteriormente encenadas nos tablados, promovendo, assim, uma experiência cultural rica e significativa para o público.

No contexto contemporâneo, as quadrilhas juninas vêm incorporando uma musicalidade marcada por forte energia rítmica, tradicionalmente composta por instrumentos como a zabumba, o triângulo e a sanfona. Com o avanço da modernidade e o fenômeno da chamada “carnavalização” dessas manifestações, observa-se a introdução de novos ritmos e sonoridades eletrônicas, frequentemente produzidos por meios digitais. Tal processo tem promovido uma reconfiguração sonora nas quadrilhas, permitindo que estas realizem um equilíbrio entre a preservação da tradição e a inserção de elementos inovadores.

Como resultado, suas apresentações tornam-se mais impactantes, sem abrir mão da identidade cultural que as caracteriza, reafirmando a importância de manter vivas as tradições em meio às transformações sociais e tecnológicas. Atualmente, as quadrilhas juninas são, em diversas ocasiões, comparadas às escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, principalmente em termos de organização, espetáculo visual e competitividade.

Esse processo tem gerado debates em torno da possível perda de elementos tradicionais. Enquanto alguns argumentam que tal modernização compromete a autenticidade da manifestação, outros a interpretam como um indicativo da capacidade adaptativa das expressões culturais populares frente às dinâmicas do mundo contemporâneo. Contribuindo com o debate, o jornalista Dimas Roque (2023) faz a seguinte reflexão:

As quadrilhas juninas estão se transformando em escolas de samba, o que representa uma modernização que descaracteriza sua essência cultural. As tradicionais roupas

de matuto foram substituídas por vestimentas que lembram mais as escolas de samba desfilando na Sapucaí, no Rio de Janeiro. Além disso, músicas eletrônicas com batidas mais adequadas para festivais de Raves estão sendo incorporadas, o que certamente faria muito sucesso nesses eventos. No entanto, será que essa abordagem é apropriada para as festas de São João? (DIMAS ROQUE, P. 1).

Para se manter um grupo cultural e/ou junino, na atualidade, os investimentos são gigantescos, como no grupo junino Luar do São João de Teresina Piauí, (PORTAL CLUB NEWS, 2023) “que no ano de 2023 foram investidos cerca de R\$800 mil para o custo de figurinos, cenários, transportes e viagens. A equipe arrecada essa quantia durante todo o ano por meio de projetos sociais e governamentais, e eventos de bingo[...]”.

Investimentos como estes fazem assim espetáculos apoteóticos; o São João que se tinha a quinze anos atrás, atualmente se encontram em um nível tão grandioso, com altos investimentos, que as quadrilhas se sentem na responsabilidade de entregar incríveis espetáculos. Os grupos juninos antigamente traziam abordagens temáticas bem importantes como aspectos do sertão nordestino, seca e a força de um povo, mas na atualidade as temáticas estão abordando aspectos significativos e reflexivos para a sociedade, como as de cunho social, no qual há predominância de críticas sociais, educativos, histórico e cultural.

Com a lei de nº 14.555, de 25 de abril de 2023, fez o reconhecer que as festividades juninas no Brasil sejam vistas como manifestação cultural (Brasil, 2023), uma grande conquista para todos os quadrilheiros e amantes da cultura junina no Brasil. O fazer quadrilha se torna não só brincar de São João, é fazer cultura legalmente. As festividades juninas no Brasil emergem em um período bem interessante para a história, Pessoa (2007, p. 29) afirma que de início, “aponte pela qual chegaram até nós as crenças e tradições que compõem as festas juninas é o colonizador português. Não só no ato do “descobrimento”, como também, ao longo dos três séculos de nossa condição de Colônia, nossa vida cultural foi sendo gradativamente formada pelos costumes europeus, via Portugal[...]”. Assim podemos ver que muitas de nossas tradições como das danças e festividades juninas ainda se faz permanência em nosso viver cotidianamente.

Para além do viés do entretenimento, e produção de cultura, a relação entre quadrilha junina e educação é profunda e multifacetada. As festas juninas, especialmente a quadrilha, vão muito além do entretenimento: elas oferecem um espaço riquíssimo para o desenvolvimento pedagógico escolar, cultural e social dos alunos.

É uma expressão tradicional da cultura nordestina e brasileira. Trabalhá-la nas escolas preservamos as tradições populares, ajudamos os alunos a entenderem a diversidade cultural do

Brasil promovendo o respeito e a valorização da identidade regional. Promovem também a Interdisciplinaridade, uma vez que a preparação da quadrilha pode envolver várias disciplinas tais como: História: com o estudo da origem das festas juninas, da cultura caipira e nordestina, a geografia: com questões climáticas, alimentos típicos, locais onde a festa é mais comum, o português: leitura de cordéis, músicas e textos típicos, a matemática: contagem de passos, medidas para decoração, orçamento da festa, a educação física: ensaio e execução da dança (coordenação motora, ritmo) e as artes: confecção de adereços, figurinos e decoração.

A prática da quadrilha no contexto escolar configura-se como uma atividade pedagógica significativa, uma vez que envolve os discentes não apenas na execução, mas também na organização do evento. Tal participação contribui para o desenvolvimento do trabalho cooperativo, do planejamento coletivo, da criatividade e do respeito à diversidade inclusiva no que se refere ao uso de vestimentas tradicionais e à representação de diferentes personagens culturais.

Além disso, a quadrilha pode funcionar como um recurso didático que aproxima os estudantes do universo rural, favorecendo reflexões acerca da vida no campo, da agricultura familiar, da segurança alimentar com destaque para alimentos como milho e mandioca e da valorização dos saberes tradicionais, bem como da simplicidade presente nas manifestações culturais populares.

No que se refere aos espaços não escolares, cabe indagar: em que medida as quadrilhas juninas também podem potencializar processos educativos fora do ambiente formal de ensino? Considerando que a educação não formal compreende práticas educativas realizadas em espaços diversos como museus, bibliotecas, centros culturais, organizações não governamentais, igrejas, agremiações festivas, grupos de dança, meios de comunicação, contextos familiares e ambientes corporativos, é possível afirmar que tais manifestações culturais exercem papel relevante na promoção do aprendizado, do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos sujeitos.

Dessa forma, a quadrilha junina revela-se como uma prática cultural com potencial formativo, tanto no ambiente escolar quanto em espaços não formais, reforçando a importância de valorizar e integrar manifestações populares nos processos educativos contemporâneos. Nesse contexto, a Educação não Formal, ou em espaços não escolares,

Socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. (Gohn, 2006, p. 29).

A pesquisadora Maria da Glória Gohn esclarece ainda a diferença entre a Educação Formal, e a Educação não Formal, quando lança os seguintes questionamentos: “Onde se educa? Qual é o espaço físico territorial onde transcorrem os atos e os processos educativos?” (GOHN, 2006.). Em resposta a esses questionamentos ela pontua:

Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). [...] A educação não- formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. (Gohn, 2006, p. 31).

Ao corroborarmos com os preceitos teóricos propostos por essa pesquisadora e estudiosos que se debruçam sobre o tema, identificamos respaldo teórico e empírico para justificar e institucionalizar a presente investigação acadêmica. Parte-se do pressuposto de que as quadrilhas juninas constituem-se como espaços privilegiados para a promoção de processos educativos que extrapolam os limites físicos e simbólicos da escola formal.

Nesse sentido, comprehende-se que a educação não se restringe ao espaço institucionalizado, mas se realiza também por meio das trocas de experiências e das narrativas construídas nos enredos das quadrilhas juninas evidentes na organização cênica, na criação de personagens e na concepção dos figurinos. Tais elementos carregam significados culturais que contribuem para a formação crítica e identitária dos sujeitos envolvidos.

A título de exemplo, destaca-se a atuação da quadrilha junina *Filhos da Massa*, que, ao longo de suas apresentações, tem revisitado e ressignificado fragmentos da história, cultura, economia e literatura do estado do Piauí, temáticas frequentemente ausentes ou pouco exploradas nos currículos da educação formal em nosso estado. Muitos brincantes e espectadores, inclusive, têm contato com esses conteúdos pela primeira vez por meio dessas manifestações culturais.

Dessa forma, reafirma-se a potência educativa das quadrilhas juninas enquanto espaços não escolares de produção e difusão do conhecimento. Além disso, este estudo está fundamentado nos princípios da disciplina “*Educação em Espaços Não Escolares*”, cursada durante nossa formação inicial, a qual propõe uma ampliação do olhar sobre os múltiplos contextos formativos.

Nesse cenário, defende-se que as disciplinas acadêmicas, bem como suas respectivas teorias e metodologias, apenas adquirem sentido pleno quando articuladas à prática social. Assim,

este trabalho tem como um de seus objetivos apresentar uma reflexão sobre práticas educativas que ocorrem fora dos espaços institucionalizados da escola ou da universidade, mas que são igualmente potentes na formação de sujeitos críticos, criativos e culturalmente integrados.

Este trabalho tem como ponto de partida nossas vivências e memórias: Um jovem quadrilheiro e agente cultural do município de Castelo do Piauí – PI, que, desde os doze anos de idade, está inserido no movimento junino. A partir dessa trajetória pessoal, despertou-se o interesse em investigar, sob uma perspectiva crítica e reflexiva, a atuação dos grupos juninos locais, bem como os desafios enfrentados por esses coletivos na manutenção e valorização da cultura popular.

As experiências cotidianas desses grupos revelam um cenário marcado por dificuldades estruturais, financeiras e simbólicas, que colocam em risco a continuidade das manifestações culturais tradicionais. Nesse contexto, esta pesquisa busca compreender como a cultura junina vem sendo produzida no município e no estado do Piauí, destacando sua relevância no campo da educação não formal e sua contribuição para o fortalecimento da identidade cultural local.

O estudo também pretende discutir as relações entre cultura, educação e sociedade, considerando a importância das quadrilhas juninas como práticas educativas informais, que promovem a socialização, o senso de pertencimento e a valorização da diversidade cultural.

Nesse sentido, objetiva-se contribuir para a ampliação do debate acadêmico acerca das expressões culturais populares, especialmente aquelas que ainda são pouco exploradas nos meios científicos.

A motivação para a realização deste trabalho é tanto de ordem pessoal resultante do envolvimento direto do pesquisador com a cultura junina quanto acadêmica, considerando-se a importância de estudar e promover a cultura popular como elemento fundamental para a compreensão da sociedade piauiense e da pluralidade cultural brasileira.

Neste contexto, delineia-se a problemática central desta investigação, a qual se estrutura a partir do seguinte questionamento: quais são os principais desafios para a preservação da cultura por meio das festividades juninas promovidas nas escolas do município de Castelo do Piauí? A partir dessa questão norteadora, desdobram-se outras indagações que orientam o percurso investigativo: de que modo os fazedores de cultura e brincantes juninos se articulam para assegurar a continuidade do movimento cultural no município? Qual é a importância das festividades da cultura popular no contexto da educação formal e não formal?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os desafios enfrentados na preservação da cultura local por meio das manifestações culturais associadas às festividades juninas, tanto no

âmbito escolar quanto em espaços não escolares, no município de Castelo do Piauí. Para alcançar esse objetivo, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as principais quadrilhas juninas e suas relações culturais existentes no município de Castelo do Piauí, bem como as estratégias e articulações empreendidas para a manutenção dessas tradições;
- Compreender a relevância das festividades juninas no processo educativo, considerando tanto o contexto escolar quanto práticas educativas não formais;
- Discutir as contribuições das celebrações juninas realizadas no ambiente não escolar para a formação da identidade cultural local.

A escolha por abordar uma temática ainda pouco explorada no âmbito acadêmico local representa, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade significativa. A investigação sobre as festividades juninas possibilita a emergência de novas perspectivas e reflexões acerca das práticas culturais nordestinas, especialmente no que se refere à vivência e produção das quadrilhas juninas no interior das escolas e em espaços comunitários. Apesar da escassez de estudos consolidados sobre o tema, este trabalho pretende oferecer contribuições relevantes para o campo acadêmico, ao dar visibilidade a uma dimensão cultural que permeia o cotidiano de inúmeros jovens nordestinos inclusive do próprio pesquisador, e que desempenha papel fundamental na construção de saberes, identidades e no fortalecimento da cultura regional.

2.0 Revisão de Literatura

2.1 Quadrilha Junina e Ensino: Entre a Educação Formal e não formal

Aprendemos nas disciplinas acadêmicas na Universidade que a educação é um fenômeno social e complexo que se manifesta por meio de diferentes modalidades, entre as quais se destacam a educação formal e a educação não formal que aqui também chamamos de educação em espaços não escolares. Ambas cumprem papéis fundamentais no processo de formação humana, mas diferem significativamente quanto à estrutura, aos objetivos, aos métodos e aos contextos em que ocorrem.

Compreender essas distinções é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais e para o fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras.

A educação formal, é o tipo de educação institucionalizada, estruturada e sistemática, geralmente oferecida por escolas, colégios e universidades. Ela segue currículos oficiais definidos por órgãos educacionais, ocorre em instituições reconhecidas (escolas, faculdades etc.), tem etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, Superior.). Envolve avaliações regulares (provas, trabalhos) e geram certificação (diplomas, certificados).

Ela é definida como o processo educativo institucionalizado, cronologicamente estruturado e hierarquizado, desenvolvido no interior de instituições de ensino reconhecidas e regulamentadas pelo Estado. Engloba os níveis tradicionais do sistema educacional e segue diretrizes curriculares estabelecidas por órgãos normativos, como os Conselhos de Educação em âmbito nacional, estadual e municipal. Trata-se, portanto, de uma modalidade obrigatória em determinados níveis, como determina a legislação educacional vigente, sendo pautada por metodologias pedagógicas sistematizadas, avaliações contínuas e certificações formais.

A educação formal tem como principal objetivo a formação acadêmica e profissional dos indivíduos, preparando-os para o exercício da cidadania, para o ingresso no mercado de trabalho e para a participação ativa na sociedade.

Em contraste, a educação não formal refere-se a um processo educativo que ocorre fora do sistema escolar convencional, embora de forma planejada e com intencionalidade pedagógica. Essa modalidade se caracteriza por sua flexibilidade organizacional, por não estar vinculada a etapas ou séries escolares obrigatórias, e por não visar, necessariamente, a obtenção de certificados ou diplomas formais.

A educação não formal é comumente promovida por organizações não governamentais (ONGs), movimentos sociais, associações comunitárias, igrejas, empresas e outras instituições da sociedade civil. Tem como foco o desenvolvimento de competências práticas, sociais, culturais, ambientais e políticas, contribuindo para a formação integral dos sujeitos. Exemplos típicos dessa modalidade incluem oficinas de capacitação profissional, cursos livres, programas de educação ambiental, atividades culturais e esportivas, entre outros.

Ela é o processo educativo que ocorre fora do sistema formal de ensino, de forma organizada, mas flexível e geralmente voltado para a formação pessoal, social ou profissional. Não segue necessariamente um currículo oficial, tem foco em habilidades práticas, cidadania, cultura, valores, são voluntárias e muitas vezes participativa, podem ou não haver certificação.

Baseados nas informações podemos afirmar que as principais distinções entre a educação formal e a não formal residem na forma de organização, nos espaços institucionais em que ocorrem, nos métodos pedagógicos utilizados e na obrigatoriedade ou não da participação. Enquanto a educação formal está associada à certificação oficial e ao progresso acadêmico em etapas previamente estabelecidas, a educação não formal é mais centrada na experiência prática e na aprendizagem ao longo da vida, muitas vezes em contextos comunitários e participativos.

Contudo, é importante ressaltar que ambas as modalidades não são excludentes, mas complementares. Em uma perspectiva ampla de educação, especialmente à luz do conceito de educação permanente, a articulação entre os diversos espaços e formas de aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento de sociedades mais equitativas e democráticas.

Nesse contexto, as quadrilhas juninas desempenham um papel de grande relevância tanto na educação formal quanto na educação não formal, consolidando-se como expressões culturais profundamente enraizadas na identidade brasileira. Longe de se limitarem a uma manifestação folclórica passageira, as quadrilhas representam verdadeiros patrimônios imateriais, que atravessam gerações e regiões, preservando tradições, valores e saberes populares que compõem o imaginário coletivo do país.

No âmbito da educação formal, a inserção das quadrilhas juninas no ambiente escolar vai além do entretenimento. Elas funcionam como ferramentas pedagógicas potentes e interdisciplinares, capazes de integrar diversas áreas do conhecimento, como História, Geografia, Língua Portuguesa, Artes e Educação Física.

Por meio do estudo de suas origens, os alunos entram em contato com aspectos históricos da colonização, da formação rural do Brasil, das festas religiosas e das influências culturais

europeias e africanas. A confecção de figurinos, a composição de músicas, a organização dos espaços e a elaboração de coreografias também estimulam a criatividade, o trabalho em equipe e o protagonismo juvenil, proporcionando uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Na esfera da educação não formal, aquela que ocorre fora dos ambientes escolares tradicionais, como em comunidades, igrejas, centros culturais e grupos artísticos, as quadrilhas promovem espaços de sociabilidade, fortalecimento de laços comunitários e valorização da cultura local. Muitas vezes organizadas por moradores, jovens e artistas populares, essas manifestações funcionam como instrumentos de resistência cultural, inclusão social e desenvolvimento pessoal.

Participar de uma quadrilha pode significar, para muitos jovens em situação de vulnerabilidade, o acesso a uma rede de apoio, oportunidades de expressão artística e até mesmo a descoberta de talentos que podem ser desenvolvidos profissionalmente.

Além disso, o simbolismo das quadrilhas juninas contribui para a construção da identidade nacional, ao resgatar elementos da vida rural, do ciclo agrícola e das festividades religiosas que marcaram historicamente o modo de vida de diversas comunidades brasileiras. A linguagem utilizada nas músicas e encenações, as vestimentas típicas, os cenários de roça e os rituais do casamento matuto, por exemplo, remetem a uma memória afetiva coletiva que ainda pulsa nas festas populares contemporâneas, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país.

Portanto, reconhecer e valorizar as quadrilhas juninas como práticas educativas é compreender que a educação vai além da sala de aula e dos conteúdos tradicionais. Trata-se de um processo amplo, contínuo e dinâmico, que se constrói também na vivência cultural, na troca de saberes e na participação ativa dos sujeitos em sua realidade sociocultural.

Assim, as quadrilhas juninas não apenas entretêm e encantam, mas educam, mobilizam e transformam reafirmando, ano após ano, o papel fundamental da cultura popular na formação cidadã e na promoção da diversidade e da identidade brasileira.

Desde suas origens históricas, o movimento junino tem se constituído como um importante fenômeno cultural, responsável por diversas contribuições no âmbito social, artístico e identitário, promovendo não apenas a formação integral dos indivíduos, mas também a valorização das especificidades locais e regionais. Essa manifestação cultural revela-se como um instrumento pedagógico e social, capaz de dialogar com diferentes esferas da educação, abrangendo tanto o ensino formal quanto a educação não formal ou em espaços não escolares.

No campo da educação formal, as festividades juninas, especialmente as quadrilhas, são incorporadas ao ambiente escolar como práticas culturais que estimulam a interação social entre

estudantes, professores e comunidade, favorecendo processos de socialização e aprendizagem colaborativa. Tais atividades possibilitam o contato direto com elementos da cultura popular, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento histórico, social e cultural, além de fortalecer a identidade cultural dos sujeitos envolvidos. Assim, as quadrilhas juninas funcionam como espaços de ensino-aprendizagem que ultrapassam os limites convencionais da sala de aula, promovendo um aprendizado experencial e significativo.

Por sua vez, no âmbito da educação não formal, a quadrilha junina desempenha um papel fundamental na transmissão de saberes tradicionais e na construção de identidades coletivas. Por meio da troca de experiências entre gerações, da preservação de práticas culturais e das narrativas próprias das quadrilhas, esses eventos fomentam o reconhecimento e a valorização das especificidades regionais, consolidando vínculos comunitários e reforçando a memória histórica local. Além disso, a performance das quadrilhas atua como um veículo de expressão cultural, onde os participantes manifestam conhecimentos particulares acerca de seus territórios, costumes e tradições, promovendo, assim, um processo contínuo de construção e ressignificação cultural.

Dessa forma, a quadrilha junina pode ser compreendida como uma prática sociocultural complexa e multifacetada, cuja importância transcende o caráter festivo, englobando dimensões educacionais, identitárias e simbólicas. Sua presença nas esferas formal e informal de educação evidencia seu potencial como agente de transformação social, cultural e pedagógica, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes de suas raízes e capazes de valorizar a diversidade cultural brasileira.

Nesse prisma, conforme ressalta Santos (2021, p. 6), “pensar na quadrilha junina é pensar em ancestralidade, em tradição, e ela não é imutável e estática; ela acompanha, de forma dinâmica, o tempo e o espaço [...].” Tal afirmativa evidência que a quadrilha junina, enquanto manifestação cultural, não deve ser compreendida como um fenômeno fixo ou estanque, mas sim como um processo dinâmico, permeado por transformações contínuas que refletem as mudanças históricas, sociais e espaciais vivenciadas pelas comunidades que a praticam.

Dessa forma, os aportes desse fenômeno cultural à sociedade brasileira são de suma importância, especialmente por se tratar de uma manifestação profundamente enraizada na vida de um contingente expressivo da população, com destaque para a região Nordeste. A quadrilha junina, nesse contexto, torna-se um espaço simbólico onde se articulam elementos de identidade, memória coletiva, pertencimento e resistência cultural. Assim, discutir essa temática possibilita um

aprofundamento teórico e crítico acerca das múltiplas dimensões simbólicas, sociais, educacionais e políticas que permeiam essa prática cultural.

No que se refere ao desenvolvimento metodológico desta pesquisa, optamos, em um primeiro momento, pela abordagem autobiográfica. Tal escolha justifica-se pelo fato de que tomaremos como uma das principais referências a nossa própria experiência enquanto sujeito envolvido diretamente nas práticas culturais e artísticas das quadrilhas juninas do município de Castelo do Piauí. Mais especificamente, consideramos nossa atuação como brincante e fazedor cultural na quadrilha junina *Filhos da Massa*, agremiação da qual fazemos parte e onde identificamos, ao longo dos anos, um significativo potencial tanto cultural quanto educacional em suas atividades.

No contexto da pesquisa acadêmica, a autobiografia pode ser compreendida não apenas como um método de investigação, mas também como um referencial teórico. Neste trabalho, no entanto, atribuímos primazia aos seus aspectos metodológicos, considerando que foi utilizada como uma estratégia de pesquisa qualitativa. A partir dessa perspectiva, assumimos conscientemente nossa posição de pesquisador-participante, relatando nossa trajetória de vida, experiências e aprendizagens vivenciadas no interior do movimento junino.

O relato autobiográfico, nesse sentido, configurou-se como uma ferramenta potente para a compreensão dos processos culturais e educativos que atravessam a vivência nas quadrilhas juninas. Por meio da narração de nossas próprias experiências, buscamos dar visibilidade às nossas subjetividades, valorizando a dimensão pessoal como elemento constitutivo da produção do conhecimento. Assim, a escrita autobiográfica permitiu-nos acessar, analisar e interpretar os significados atribuídos às práticas culturais nas quais estamos inseridos, contribuindo para o entendimento de suas implicações no campo da educação e da cultura popular.

Em seu livro *Dicionário de Gêneros Textuais* Sérgio Roberto Costa define a autobiografia como uma “narração sobre a vida de um indivíduo, escrita por ele próprio, sob a forma documental, ou seja, é uma prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando a vida individual, em particular, sobre a história de sua personalidade” (COSTA. 2009, p. 38).

Num segundo momento, adotaremos uma abordagem qualitativa, pautada na busca e análise rigorosa de referências teóricas pertinentes, com especial atenção a autores locais e estudiosos oriundos de outras regiões do país. Essa etapa tem como objetivo fundamentar o embasamento conceitual e histórico da investigação, contextualizando a quadrilha junina em suas diferentes manifestações e significados.

Posteriormente, a investigação será complementada por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com interlocutores diretamente envolvidos com o tema, tais como fazedores de quadrilha, pesquisadores culturais, educadores e participantes ativos das festividades juninas. Esses sujeitos constituirão o núcleo vivencial e simbólico do estudo, oferecendo perspectivas enriquecedoras que permitirão compreender as práticas, os valores e as narrativas construídas em torno da quadrilha junina. A análise qualitativa dessas entrevistas possibilitará, assim, a apreensão das dinâmicas sociais, culturais e identitárias implicadas nesse fenômeno, contribuindo para a construção de um conhecimento crítico e contextualizado.

2.2 Autobiografia: Um Ato de Resistência Epistemológica

O trabalho autobiográfico, enquanto abordagem metodológica no âmbito da pesquisa qualitativa, tem se configurado como uma ferramenta valiosa para a reflexão profunda e análise crítica da trajetória pessoal e profissional dos sujeitos. Essa metodologia possibilita que o pesquisador investigue sua própria história a partir das experiências vividas, assumindo simultaneamente o papel de fonte e de instrumento da investigação.

Conforme assinala Nóvoa (1995, p. 25), “narrar a própria história é também uma maneira de aprender e de produzir sentidos sobre a prática educativa”, destacando que a escrita autobiográfica deve ser compreendida não apenas como um registro, mas como uma prática formativa e investigativa que contribui para o desenvolvimento pessoal e acadêmico do pesquisador.

De fato, a pesquisa autobiográfica ultrapassa o simples relato cronológico de experiências, pois propõe uma análise reflexiva e estruturada da vida do sujeito em interação com os contextos sociais, culturais e educacionais que o permeiam. A pesquisadora Marie Christine Josso enfatiza que a escrita autobiográfica “possibilita a formação de uma consciência crítica, a construção de significados e o reconhecimento de si como sujeito histórico.” (JOSSO, 2004, p. 45). Tal perspectiva evidencia que o pesquisador não se limita à rememoração, mas empreende uma interpretação crítica dos processos formativos que moldaram sua identidade, conferindo sentido às escolhas, ações e vivências que compõem sua trajetória.

Usar a autobiografia na pesquisa qualitativa conversa bastante com as tradições fenomenológica, que valorizam a experiência pessoal e a forma como interpretamos o sentido da

vida e da existência humana. Quando o pesquisador se dedica a sua própria história, ele consegue acessar camadas de significado que, de outro jeito, ficariam escondidas.

Essa autorreflexão crítica ajuda a identificar não só eventos isolados, mas também as conexões entre a pessoa e o meio em que vive mostrando processos de resistência, adaptação e transformação que fazem parte da sua formação. Além disso, quando o sujeito coloca sua trajetória dentro de um contexto histórico e social, ele passa a se enxergar tanto como alguém que sofre as influências quanto como alguém que age dentro dessas dinâmicas, entendendo melhor as forças que moldam sua vida e as possibilidades de agir no seu campo profissional e social.

Por isso, a autobiografia surge como um espaço super rico para a pesquisa, principalmente para educadores, artistas e outros profissionais que querem entender melhor seus próprios caminhos. Na educação, por exemplo, professores que fazem pesquisas autobiográficas conseguem mostrar como suas experiências pessoais afetam seu jeito de ensinar, ajudando a criar práticas pedagógicas mais reflexivas e contextualizadas. Já nas artes, contar a própria história pode ser uma forma poderosa de expressar e compreender as vivências criativas, ampliando a visão do processo artístico como algo vivido e ligado à sociedade.

Ao incentivar essa reflexão crítica sobre a experiência pessoal, essa abordagem ajuda a produzir conhecimentos que vão além do indivíduo, contribuindo para entender as dinâmicas sociais, culturais e históricas que influenciam quem somos. O trabalho autobiográfico, então, ganha um papel estratégico na construção do saber, juntando vivência e teoria, subjetividade e análise, num movimento que enriquece a pesquisa qualitativa.

Claro que existem desafios nessa pesquisa autobiográfica. Como o pesquisador é ao mesmo tempo quem investiga e o objeto da investigação, é preciso muito cuidado para não cair em distorções ou autoengano. O pesquisador tem que ser crítico, questionar suas memórias e comparar suas histórias com outras fontes e teorias que possam apoiar ou desafiar seu relato.

Essa postura crítica fortalece a validade da pesquisa autobiográfica e amplia seu potencial como ferramenta de conhecimento, capaz de gerar insights importantes não só sobre a experiência pessoal, mas também para o avanço dos estudos qualitativos e das práticas formativas em várias áreas.

Nesse cenário, destacamos que diversos estudiosos acreditam na relevância dessa abordagem. Delory-Momberger (2008) afirma que a autobiografia na pesquisa permite a compreensão do indivíduo em sua complexidade, revelando não apenas os acontecimentos vividos, mas os sentidos atribuídos a eles. Para Pineau (1988, p. 41), a narrativa autobiográfica funciona

como um “ato de resistência epistemológica”, pois valoriza o saber experencial do sujeito, muitas vezes marginalizado pela ciência tradicional. Já Passeggi (2008), ao tratar da escrita de si na formação de professores, defende que essa prática contribui para a construção de uma identidade profissional mais consciente e crítica.

A metodologia autobiográfica também se articula com a ideia de "memória" como um dispositivo pedagógico, permitindo que o sujeito revisite seu percurso formativo para projetar transformações futuras. De acordo com Abrahão (2012, p. 27), “a escrita de si permite aprender com a própria vida”, favorecendo o autoconhecimento e a ressignificação de experiências. Assim, o uso da autobiografia em uma monografia não é apenas um exercício de recordação, mas um processo formativo, reflexivo e científico que valoriza a singularidade da experiência como fonte legítima de conhecimento.

3.0 Ambiência e Contextualizações: Do Abc ao São João

Neste capítulo, será apresentada a fundamentação teórica com base em autores locais do município, bem como em estudiosos dedicados à análise do movimento junino. Essa abordagem tem como objetivo não apenas compreender a riqueza cultural e histórica das festas juninas a partir de uma perspectiva local, mas também contextualizá-las em um panorama mais amplo, considerando sua relevância em diferentes contextos, com ênfase especial no ambiente escolar.

Ao longo do capítulo, será construída uma narrativa que articula essas distintas perspectivas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do papel das festas juninas na formação da identidade cultural e na dinâmica social, com destaque para sua influência no contexto educacional.

3.1 As diversas manifestações culturais no município de Castelo do Piauí

O município de Castelo do Piauí está situado na porção norte do estado do Piauí, a aproximadamente 188 quilômetros da capital, Teresina. Inserido no bioma da caatinga, esse território caracteriza-se não apenas por sua paisagem semiárida singular, mas também por um vasto conjunto de expressões culturais, históricas e arqueológicas que conferem identidade e relevância ao cenário regional e estadual. Popularmente denominada “terra da cachaça”, o município consolidou-se no imaginário piauiense por ser o berço da tradicional cachaça Mangueira, produto que, ao longo das décadas, se tornou símbolo da economia local e elemento de destaque na cultura castelense.

Além de sua expressiva produção artesanal, Castelo do Piauí também se sobressai pela riqueza de seu patrimônio arqueológico. A região abriga importantes sítios, como a “Pedra do Castelo” e o “Cânion do Rio Poti”, que integram um conjunto de parques naturais e arqueológicos protegidos e reconhecidos pelo seu valor histórico-científico.

Esses locais apresentam vestígios significativos da presença do homem pré-histórico, por meio de inscrições rupestres, pinturas e formas de ocupação territorial que fornecem dados relevantes para a compreensão das dinâmicas sociais, ambientais e simbólicas das populações ancestrais. As manifestações gráficas presentes nesses espaços encantam pesquisadores, turistas e estudiosos da arte rupestre, sendo objeto de diversas investigações arqueológicas e antropológicas.

A interação entre o ambiente natural e a produção cultural é uma característica marcante da identidade castelense. Nesse sentido, o município tem desenvolvido iniciativas que articulam o turismo, a preservação do meio ambiente e a valorização das manifestações populares. Um exemplo emblemático dessa articulação é a criação do Festival de Agronegócios, anteriormente denominado *Cachaça Fest* e, atualmente, *Canyon Fest Poti*.

O evento surgiu como uma celebração à tradição da cachaça artesanal, mas evoluiu ao longo dos anos para incorporar outras dimensões da cultura local, como o artesanato, a culinária típica, as manifestações folclóricas, a música regional e os saberes populares. Assim, o festival não apenas fomenta a economia criativa do município, como também promove a valorização da identidade cultural da população.

As manifestações culturais presentes em Castelo do Piauí são herdeiras de um processo histórico de construção social e afetiva que remonta às primeiras comunidades rurais estabelecidas na região. Como apontam estudos socioculturais, a memória coletiva desempenha um papel fundamental na reprodução e transmissão das tradições populares, permitindo que o passado se mantenha vivo nas práticas cotidianas e nas celebrações públicas do presente. O programa *Salto para o Futuro*, por exemplo, enfatiza que as festas populares constituem espaços privilegiados de ressignificação da história, reforçando os vínculos comunitários e reafirmando os valores simbólicos compartilhados pela população.

Portanto, a análise do município de Castelo do Piauí revela um território dinâmico, cuja identidade é construída a partir da interseção entre natureza, cultura e história. A preservação de seus parques arqueológicos, o fortalecimento de suas expressões culturais e o incentivo ao turismo sustentável representam estratégias essenciais para a valorização de seu patrimônio material e imaterial.

Nesse contexto, iniciativas interdisciplinares que envolvam a educação, o planejamento urbano, a cultura e o meio ambiente tornam-se fundamentais para garantir que a riqueza cultural e natural de Castelo do Piauí seja reconhecida, protegida e transmitida às futuras gerações.

Na antiga Vila Marvão (primeiro nome dado a cidade) também houve a mesma origem destas manifestações, através do saber de um povo que foi se construindo as tradições e comemorações culturais, não tão diferente quanto a formação das diversas outras cidades, onde que na sua formação cultural predomina a presença dos saberes rurais e daí foi-se criado um povo, os educadores Deus e Melo (2008) relatam sucintamente como foi formada a cultura festiva dentro do município de Castelo destacando que:

A cidade de Castelo do Piauí tem uma cultura bastante diversificada, resultado da assimilação de crenças, costumes e hábitos dos povos formadores de sua população. A riqueza de sua cultura pode ser observada através de suas manifestações folclóricas, que fazem parte do dia a dia do seu povo. (Deus; Melo, 2008, p. 130).

A partir das reflexões aqui propostas, torna-se evidente que o município de Castelo do Piauí, configura-se como um autêntico celeiro cultural, no qual elementos tradicionais e manifestações inovadoras coexistem e se complementam de forma harmônica. Essa simbiose entre passado e presente revela-se especialmente nas expressões populares que ainda resistem ao tempo, entre elas o reisado, uma das mais representativas manifestações culturais da localidade.

O reisado, dança e celebração tradicional profundamente enraizada no imaginário popular nordestino, assume em Castelo do Piauí um papel singular na construção da identidade coletiva. O som característico dos chinelos de couro riscando o chão, o ritmo dos pandeiros e das cantigas transmitidas oralmente de geração em geração são marcas indeléveis dessa manifestação.

Embora essa tradição tenha enfrentado períodos de declínio, impulsionados por transformações sociais e culturais, ainda se mantém viva graças à resistência de comunidades e grupos culturais locais. São sujeitos sociais que, ao se reconhecerem como guardiões de uma herança simbólica, mantêm ativa a memória de seus antepassados por meio das celebrações dos Santos Reis, realizadas anualmente no mês de janeiro.

Segundo Deus e Melo (2005, p. 147), tais celebrações “ocorriam geralmente devido a promessas que, quando atendidas, faziam-se homenagens aos mesmos”, revelando o profundo vínculo entre religiosidade popular e práticas culturais tradicionais. A diversidade cultural de Castelo do Piauí não se restringe às manifestações festivas, mas se estende a um vasto campo de práticas e saberes que atravessam diferentes esferas da vida cotidiana.

A presença de influências indígenas, imprime uma marca plural à constituição sociocultural do município. A herança indígena, por exemplo, manifesta-se nos saberes tradicionais ligados ao artesanato, ao uso sustentável dos recursos naturais e à valorização dos espaços naturais, como cachoeiras e formações rochosas, que não apenas compõem a paisagem, mas também carregam significados simbólicos para as comunidades locais.

No tocante à presença afrodescendente, observa-se uma rica contribuição na formação da identidade castelense, expressa em manifestações artísticas como a capoeira, nas religiões de matriz africana, a exemplo da umbanda, e na culinária, especialmente no uso de temperos e métodos tradicionais de preparo, como as diversas formas de fazer carne de sol, ícone da gastronomia

regional. Tais expressões, longe de serem meramente folclóricas, constituem formas legítimas de resistência cultural e afirmação identitária frente às dinâmicas hegemônicas.

Paralelamente, a herança da colonização portuguesa continua visível nos aspectos arquitetônicos como na Igreja Matriz e nas edificações ao redor, na língua, nas práticas religiosas católicas e nos festejos dedicados a santos padroeiros, como Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora das Graças. A presença dessas tradições reflete não apenas a continuidade histórica, mas também a reelaboração simbólica dos valores culturais ao longo do tempo, revelando um processo de ressignificação constante.

Assim, pode-se afirmar que a multiplicidade cultural de Castelo do Piauí constitui um patrimônio imaterial de valor inestimável. Essa diversidade não apenas fortalece os vínculos comunitários e promove o sentimento de pertencimento, como também oferece subsídios para políticas públicas voltadas à valorização e à preservação da cultura local. A interculturalidade observada no município configura-se, portanto, como um elemento-chave para a construção de uma sociedade mais inclusiva, democrática e consciente de sua riqueza histórica e simbólica.

Nesse sentido, refletir sobre o papel das tradições culturais no contexto contemporâneo de Castelo do Piauí implica reconhecer que o passado não se encontra fixado em uma memória estática, mas é continuamente atualizado nas práticas cotidianas, nas festas, nos saberes e nas crenças que constituem o modo de ser castelense. A cultura, nesse panorama, emerge como um patrimônio vivo, dinâmico e em constante reconstrução, cuja valorização é essencial para a manutenção da identidade local e para o fortalecimento da cidadania cultural.

Figura 3 - Festejos de N. S do Desterro



Fonte: Arquivo do pesquisador - **Local:** Castelo do Piauí

3.2 As Festividades Juninas em Castelo do Piauí

As festividades juninas possuem uma origem histórica antiga, cujo principal propósito é a homenagem aos santos católicos Antônio, João e Pedro, figuras centrais do calendário religioso cristão. Essas celebrações são tradicionalmente realizadas no mês de junho, o que justifica sua nomenclatura como “festas juninas”.

Historicamente, essas festividades tiveram grande importância nas comunidades rurais do Brasil, principalmente em decorrência do ciclo agrícola do milho, cujas colheitas ocorriam nesse período. Dessa forma, as festas funcionavam não apenas como uma manifestação religiosa, mas também como uma celebração social que marcava a conclusão de um ciclo produtivo, incluindo o preparo e o consumo de alimentos derivados do milho, como pamonha, canjica e curau.

Os festejos são caracterizados pela realização de atividades em torno de fogueiras, elemento simbólico que remete às tradições europeias e indígenas, e que assumiu um papel central no ritual junino. A música desempenha um papel fundamental nessas celebrações, sendo executada por instrumentos típicos do Nordeste brasileiro, como a sanfona, o triângulo e a zabumba, que compõem o repertório folclórico associado à festividade.

Entre as diversas manifestações culturais presentes, destaca-se a quadrilha junina, dança folclórica que representa uma encenação cênica do cortejo matrimonial rural, sendo uma das expressões culturais mais emblemáticas do município e de diversas regiões do país (Deus; Melo, 2008). Embora as festas juninas sejam originariamente ligadas ao calendário litúrgico católico, elas sofrem adaptações significativas conforme as particularidades culturais e regionais do Brasil.

Essa pluralidade de manifestações demonstra a capacidade das festividades em incorporar elementos locais, tornando-se fenômenos culturais híbridos que transcendem a mera celebração religiosa. Em muitos contextos, as festividades juninas adquiriram um caráter predominantemente social e festivo, no qual as referências religiosas coexistem com elementos profanos, tais como brincadeiras, concursos e comidas típicas.

Pessoa (2007) oferece uma análise pertinente ao apontar que essas celebrações refletem uma construção cultural dinâmica, na qual as tradições são continuamente reinventadas e ressignificadas pelas comunidades locais. Essa perspectiva ressalta a importância das festas juninas enquanto espaços de afirmação identitária e de fortalecimento dos laços comunitários, representando, ao mesmo tempo, a manutenção do patrimônio imaterial e a adaptação às transformações sociais contemporâneas. Nesse contexto Pessoa acrescenta:

Mesmo que celebrem santos oficiais católicos, as três principais festas de junho são predominantemente domésticas ou, no máximo, ao nível da vizinhança, e não necessitam da iniciativa dos principais agentes da Igreja. Mais ainda: sem a presença sacerdotal para o devido atendimento religioso aos imensos contingentes de camponeses, as festas de fogueira assumiram até algumas funções sacramentais. Uma delas é a celebração do batismo em volta da fogueira, enormemente difundida nos sertões de vários estados brasileiros (Pessoa, 2007, p. 41).

Estas comemorações dentro do município sempre tiveram uma significância muito grande para a sua população, os grandes festivais culturais e folguedos ocorridos em praças públicas, ginásios, bairros e ruas, fazem a tradição dos meses de junho e julho na zona rural e urbana. A principal quadrilha dentro do município era a antiga Quadrilha Junina Massacará, que teve sua origem no ano de 2008 por dois entusiastas e amantes da cultura nordestina em Castelo do Piauí e especialmente das celebrações juninas.

Figura 4 - Quadrilha Junina Massacará, 2009.



Fonte: Arquivo pessoal do Grupo: Ajuda (Associação da Juventude de Castelo do Piauí)

A quadrilha foi formada por jovens participantes do Projeto Juventude e Cidadania, projeto este que tinha como principal objetivo a socialização e a não marginalização de crianças, jovens e adolescentes, o nome da Quadrilha foi uma homenagem a um grupo cultural anteriormente conhecido como Massacará, que era representado por uma escola municipal e cujo tema era Lampião e Maria Bonita. Por essas razões, e principalmente por evocar o significado de "povo alegre que dança", que é uma característica fundamental das pessoas que participam das festas

juninas, especialmente os habitantes do Piauí, o nome Massacará foi escolhido para a Quadrilha Junina oficial de Castelo do Piauí.

Figura 5: Apresentação da Quadrilha Junina Massacará, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do grupo, AJUCA (associação da Juventude de Castelo do Piauí)

Fundada no ano de 2022, a "*Junina Filhos da Massa*" surgiu a partir da iniciativa de jovens oriundos de dois antigos grupos: a *Junina Massacará* e a *Junina Filomena*, esta última vinculada ao Centro de Educação de Tempo Integral (CETI) Cônego Cardoso. Ao perceberem o enfraquecimento do movimento junino no município, esses jovens decidiram unir esforços e criar uma nova agremiação, com o objetivo de revitalizar e fortalecer a cultura junina local.

O surgimento da "Filhos da Massa" foi, portanto, motivado não apenas por um sentimento de pertencimento cultural, mas também pela urgência de impedir o desaparecimento de uma tradição que, historicamente, mobiliza comunidades inteiras em torno da dança, da música, do figurino e das expressões artísticas típicas do ciclo junino.

Desde sua fundação, o grupo tem desempenhado um papel relevante na difusão da cultura junina, participando ativamente de competições e festivais em diversas cidades do Piauí. Essa mobilização se insere em um processo mais amplo de institucionalização do movimento junino no estado, especialmente a partir da criação da Federação Piauiense de Quadrilhas (FEPIQ), que, alguns anos depois, passou a se chamar Federação de Quadrilhas Juninas do Piauí (FEQUAJUPI). A FEQUAJUPI tem como finalidade a organização, regulamentação e promoção dos grupos juninos

em âmbito estadual, atuando como órgão representativo e articulador de políticas culturais voltadas à profissionalização dessa manifestação popular.

A filiação de quadrilhas juninas à FEQUAJUPI permitiu o estabelecimento de critérios técnicos e artísticos para as competições, elevando o nível de qualidade das apresentações e fomentando a formação continuada dos integrantes em áreas como dança, cenografia, coreografia, produção cultural e gestão de grupos. Além disso, a federação organiza anualmente o festival estadual de quadrilhas juninas, evento no qual é eleita a melhor agremiação do estado. A quadrilha vencedora passa a representar o Piauí em competições de nível nacional, levando consigo não apenas o nome do grupo, mas também a identidade cultural da região que representa.

O caso da Junina "Filhos da Massa" exemplifica como as tradições populares podem ser ressignificadas a partir do engajamento da juventude e do apoio institucional. Ao mesmo tempo em que preservam elementos essenciais da cultura junina, como a musicalidade, o figurino e a narrativa típica das festas de São João, os grupos contemporâneos incorporam novos elementos estéticos e organizacionais, transformando a quadrilha em um espetáculo cultural competitivo, planejado e profissionalizado.

Em suma, a trajetória da "Junina Filhos da Massa" evidencia o papel das juventudes e das organizações culturais na manutenção e valorização das tradições populares. O fortalecimento dessas iniciativas, por meio de políticas públicas, parcerias institucionais e reconhecimento artístico, é fundamental para assegurar a continuidade e a vitalidade das manifestações culturais brasileiras, especialmente em contextos nos quais há risco de apagamento de práticas comunitárias tradicionais.

Figura 6 - Quadrilha Junina Filhos da Massa, 2024.



Fontes: Arquivo pessoal do pesquisador

Neste contexto, responde-se à primeira questão norteadora deste estudo: em que medida os agentes culturais, especialmente os vinculados às quadrilhas juninas, atuaram para evitar o desaparecimento desse movimento cultural no município. Observa-se que, diante das limitações estruturais e financeiras, tornou-se necessária a unificação de dois grupos juninos, uma vez que a manutenção de ambos se revelou inviável dentro da realidade socioeconômica local.

As inúmeras dificuldades enfrentadas, entre as quais se destacam a ausência de apoio financeiro e a escassez de investimentos públicos e privados no setor cultural, impuseram a adoção de estratégias de sobrevivência. A fusão dos grupos não representou apenas uma solução pragmática, mas também configurou um ato de resistência cultural, voltado à preservação e ao fortalecimento da identidade junina na região dos Carnaubais. Tal iniciativa ganha relevância ainda maior diante do contexto regional, onde diversos grupos juninos já haviam encerrado suas atividades por razões semelhantes.

Entre os principais obstáculos enfrentados pela Quadrilha Junina Filhos da Massa, destaca-se a dificuldade de captação de recursos e patrocínios no âmbito municipal. A cultura popular, em muitas ocasiões, não recebe o devido reconhecimento por parte do poder público e da iniciativa privada, o que compromete a sustentabilidade das manifestações culturais locais. A produção de um espetáculo junino demanda investimentos significativos, abrangendo figurinos, cenografia, logística, alimentação e ensaios.

Diante da insuficiência de apoio institucional, os integrantes do grupo são compelidos a recorrer a estratégias alternativas de financiamento, tais como arrecadações comunitárias, rifas, bingos e eventos benéficos, a fim de viabilizar suas apresentações e assegurar a continuidade do projeto cultural.

A escassez de incentivos culturais configura-se como um desafio recorrente em diversas cidades do interior, onde a cultura frequentemente não ocupa posição de prioridade nas políticas públicas e nos investimentos locais. Tal realidade compromete a manutenção de grupos culturais, como as quadrilhas juninas, que necessitam de recursos para figurinos, ensaios, deslocamentos e infraestrutura para apresentações.

Contudo, a cultura junina extrapola o caráter meramente recreativo, desempenhando um papel central na constituição da identidade comunitária. Além disso, gera oportunidades econômicas para costureiras, músicos, artesãos e demais profissionais da cadeia produtiva cultural, ao mesmo tempo em que fortalece o senso de pertencimento e valoriza as tradições populares.

Nesse contexto, a fusão das duas quadrilhas existentes no município foi uma estratégia necessária para garantir a continuidade do movimento junino, otimizando recursos e possibilitando a formação de um grupo mais estruturado e competitivo.

Atualmente, a quadrilha junina Filhos da Massa tem se beneficiado de incentivos culturais que contribuem significativamente para sua permanência e desenvolvimento. Instrumentos criados pelo Ministério da Cultura, como a Lei Paulo Gustavo e a Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), bem como o Sistema de Incentivo Estadual à Cultura (SIEC), da Secretaria de Estado da Cultura, têm viabilizado maior acesso a recursos financeiros e apoio institucional. Esses mecanismos asseguram não apenas o financiamento de produções culturais, mas também ampliam a visibilidade do grupo, proporcionando maior autonomia para investimentos na qualidade das apresentações e na consolidação de sua presença em festivais e eventos regionais.

Apesar dos avanços conquistados, os desafios persistem, e a busca por apoio e reconhecimento segue constante. Nós, fazedores de cultura, continuamos a nos reinventar e a explorar novas possibilidades para manter vivas as tradições juninas, seja por meio de editais, parcerias locais ou estratégias de mobilização comunitária.

O cenário atual aponta para uma crescente valorização da cultura junina, embora ainda haja um percurso considerável até que se consolide um sistema de apoio contínuo e efetivo. Dessa forma, torna-se essencial o engajamento de gestores públicos, empresários e da própria comunidade no fortalecimento desse patrimônio cultural, a fim de assegurar que a tradição junina continue a ser celebrada, preservada e transmitida às futuras gerações.

3.3 Festividades Junina na Educação Formal e não Formal em Castelo do Piauí

Assim como ocorre em diversas instituições de ensino espalhadas pelo país, no município de Castelo do Piauí observa-se uma significativa presença das festividades juninas no âmbito da grade curricular escolar. Tais comemorações tradicionais, que envolvem danças típicas e outras manifestações culturais, configuram-se como importantes espaços pedagógicos para a promoção da aprendizagem. Nesse sentido, esses eventos culturais possibilitam a integração de competências e habilidades estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao proporcionarem contextos reais e significativos para o desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, a incorporação das festividades juninas no planejamento educacional contribui para a diversificação dos métodos e recursos didáticos utilizados, ampliando as possibilidades de

mediação pedagógica. Através dessas práticas, é possível fomentar não apenas o conhecimento sobre as tradições culturais brasileiras, mas também promover a interdisciplinaridade, articulando conteúdos de diferentes áreas do saber, tais como História, Geografia, Artes, Língua Portuguesa e Matemática. Dessa forma, as festividades juninas transcendem seu caráter lúdico e festivo, assumindo um papel fundamental na construção do conhecimento e no fortalecimento da identidade cultural dos alunos.

Portanto, o desenvolvimento das celebrações juninas nas escolas do município de Castelo do Piauí revela-se uma estratégia educativa válida e enriquecedora, capaz de favorecer o aprendizado significativo por meio da contextualização dos conteúdos curriculares, contribuindo para a formação integral dos estudantes. Nesse cenário, Campos (2007) traz uma colocação interessante sobre a promoção das festividades juninas dentro do meio escolar:

Promover festas juninas tornou-se uma atividade curricular rotineira, tanto nas escolas públicas como nas particulares. Por isso, atualmente, são raras as unidades escolares que, no mês de junho ou mesmo no início de julho, não realizam uma destas festividades[...]. (CAMPOS, 2007, p. 590)

Fazer estas comemorações dentro da rede escolar é muito importante, pois através destes eventos pode-se validar muitos ensinamentos e conhecimentos adquiridos, hoje trabalhar a quadrilha junina na escola gera alguns impactos significativos na vida dos alunos, como a construção de uma identidade cultural fazendo com que os alunos possam conhecer e valorizar uma cultura que estar predominante em seu dia a dia. As festanças juninas se tornaram algo tão valioso para o meio educacional que passaram a ser vistas não apenas como eventos festivos, mas também como oportunidades valiosas de aprendizado e integração.

À medida que as festas populares ganham cada vez mais valor e reconhecimento, é evidente sua entrada nos espaços escolares, até mesmo, como por exemplo, nas aulas de educação física, onde que o movimento corporal e a dança são explorados. Nos festejos juninos, especialmente, as crianças se envolvem ativamente, porém, muitas vezes, o verdadeiro significado desse aprendizado é substituído por uma abordagem mais técnica, assim como aborda Saura (2013):

As festas populares, a cada ano, são mais valorizadas e reconhecidas. Adentram os muros escolares, as aulas de educação física por meio da temática da cultura corporal do movimento e nos festejos juninos lá estão elas e as crianças executando-as. No entanto, substituem-se todos os elementos deste aprendizado complexo de tradição, valores, hereditariedade, iniciação, oralidade e corporeidade,

pela técnica da dança em si, ou pelo desenvolvimento de habilidades motoras, ou pela aquisição de novos repertórios de movimento. (SAURA, 2013, p. 34).

No contexto escolar, as festividades juninas possuem notável relevância para a formação cultural dos alunos. A prática da dança, nesse cenário, desperta o interesse das crianças, permitindo-lhes explorar diferentes formas de expressão e ampliar suas experiências socioculturais. De acordo com Freitas (2022, p. 5), "dançar as Festas Juninas nas escolas pode oportunizar inúmeros processos de ensino-aprendizagem que, aliados a outros saberes e fazeres artístico-educacionais, em contextos formais de ensino, podem atuar diretamente na formação cultural de crianças e jovens".

Dessa forma, ao adentrar o ambiente escolar, esse movimento cultural promove a valorização e a preservação das tradições populares por meio de manifestações artísticas como o carimbó, o bumba meu boi, o forró e a quadrilha, entre outros estilos e apresentações. Tais expressões fazem das festas juninas um verdadeiro festival cultural dentro das escolas, contribuindo significativamente para a construção de identidades e o fortalecimento do patrimônio imaterial brasileiro.

Figura 7 - 5º Arraiá do Povo,2016



Fonte: AJUCA (Associação da Juventude de Castelo do Piauí)

Local: Castelo do Piauí, 6 de julho de 2016¹

¹ A esquerda (de terno e vestido branco) os noivos da quadrilha junina balanço do rei da Unidade escolar Vereador Waldemar Salles, de Castelo do Piauí no ano de 2016.

O corpo docente, juntamente com todos os funcionários e a comunidade escolar, mobiliza-se de forma coletiva e colaborativa para a realização das festividades juninas, tradicionalmente celebradas no contexto escolar brasileiro. Essa mobilização demonstra não apenas o comprometimento com a promoção de eventos culturais, mas também evidencia o tipo de gestão participativa que muitas escolas vêm adotando. Trata-se de um modelo de gestão que valoriza o diálogo, a corresponsabilidade e a construção conjunta de experiências significativas, o que contribui para a construção de uma escola democrática, inclusiva e culturalmente sensível.

Nesse contexto, torna-se evidente que as festas juninas não se restringem à função de entretenimento, mas assumem um papel pedagógico importante. Essas festividades, por serem expressões autênticas da cultura popular brasileira, possibilitam aos alunos o contato com tradições, símbolos e valores que fazem parte do patrimônio cultural do país. Ao participar dessas manifestações culturais, os estudantes não apenas se divertem, mas também aprendem por meio de experiências concretas, vivenciadas de forma coletiva, que integram o conteúdo formal ao cotidiano, favorecendo um aprendizado mais contextualizado e significativo.

Dessa forma, responde-se à segunda questão norteadora, que questiona a relevância do desenvolvimento das festividades de cultura popular no ambiente escolar. Pode-se afirmar que essa prática possui um valor pedagógico e sociocultural imensurável. Incorporar tais atividades ao currículo escolar não apenas fortalece a identidade cultural dos estudantes, como também amplia sua visão de mundo, contribuindo de forma efetiva para seu desenvolvimento integral — compreendido aqui como o crescimento cognitivo, emocional, social e ético do educando.

A participação ativa dos estudantes nas festividades juninas promove o contato com diferentes formas de expressão artística e cultural, como danças típicas, músicas regionais, literatura de cordel, culinária tradicional e vestimentas características. Esses elementos são portadores de sentidos históricos e sociais, e sua presença no espaço escolar cria oportunidades para o desenvolvimento da criatividade, do senso estético, da oralidade e da cooperação. Além disso, ao trabalharem em conjunto para a preparação e execução dos eventos, alunos, professores e comunidade exercitam o trabalho em equipe, a solidariedade e o respeito mútuo — competências essenciais à convivência democrática.

Outro ponto relevante é o potencial das festas populares como recurso didático interdisciplinar. Quando bem planejadas, essas atividades podem ser exploradas a partir de múltiplas áreas do conhecimento. Por exemplo, nas aulas de História, pode-se discutir a origem das festas juninas, suas influências europeias e adaptações locais; em Geografia, é possível abordar as

diferentes formas de celebração nos diversos estados brasileiros; em Artes, os alunos podem criar adereços e desenvolver performances; na Língua Portuguesa, podem ser produzidos textos temáticos, como convites, narrativas, crônicas e poemas; já na Matemática, a organização das barracas e a contabilidade dos recursos envolvem noções práticas de cálculo e estatística.

Ademais, tais festividades proporcionam uma maior integração entre a escola e a comunidade, promovendo o sentimento de pertencimento e o fortalecimento dos laços sociais. Ao envolver pais, responsáveis e outros membros da comunidade local, a escola se abre para além de seus muros e torna-se um espaço de construção coletiva, onde o saber acadêmico dialoga com os saberes populares, valorizando a diversidade cultural e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes de sua identidade e de seu papel na sociedade.

A inserção das festas culturais no calendário escolar, portanto, não apenas resgata e preserva tradições, mas também oferece uma abordagem pedagógica rica e multifacetada, capaz de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais humanizado, contextualizado e prazeroso. Em última instância, investir na cultura popular dentro do ambiente escolar é reafirmar o compromisso da escola com uma educação transformadora, capaz de articular conhecimento, afeto e cultura em prol do desenvolvimento integral dos sujeitos.

No contexto educacional de Castelo do Piauí, observa-se que tanto as instituições de ensino da rede municipal quanto da rede estadual integram as festividades juninas ao calendário escolar, utilizando-as como instrumento pedagógico e lúdico. Essa prática não se limita apenas à celebração cultural, mas é incorporada como estratégia metodológica que potencializa a aprendizagem por meio da valorização das manifestações culturais populares.

Na Educação Formal, as escolas promovem uma variedade de atividades voltadas à comemoração das festas juninas, tais como apresentações de quadrilhas, encenações do casamento caipira, dramatizações, jogos tradicionais (como corrida de saco, pescaria e dança das cadeiras), além de oficinas de produção de bandeirolas, colagens e recortes. Tais atividades são desenvolvidas com a participação ativa dos alunos da Educação Infantil até o Ensino Médio, criando um ambiente que estimula o senso de pertencimento, a criatividade e o trabalho coletivo.

Destaca-se que, no âmbito da rede estadual, instituições como o CETI Cônego Cardoso que realizam festivais internos que envolvem apresentações tanto de seus próprios alunos quanto de grupos juninos oriundos de outras localidades, promovendo o intercâmbio cultural.

Na rede municipal, a Escola Gabriel Lima passou, desde 2023, a organizar um “Arraiá inclusivo”, cuja principal característica é a valorização da participação de alunos com deficiência,

como um estudante cadeirante, que recebe o apoio efetivo de professores e colegas. Essa prática representa um avanço significativo na perspectiva da inclusão escolar, alinhando-se aos princípios de equidade e diversidade.

Além disso, o tradicional “Concurso Garota/Rainha Caipira”, promovido por algumas escolas, contribui para o envolvimento de diferentes turmas e amplia o engajamento da comunidade escolar, estabelecendo uma relação dialógica entre cultura e educação.

No campo da Educação Não Formal, observa-se a presença de projetos comunitários e oficinas culturais que desempenham papel essencial na valorização da cultura popular e na promoção da cidadania.

Um exemplo emblemático é o projeto “Juventude e Cidadania”, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), coordenado pela professora Raimunda Alves Melo em parceria com a Associação da Juventude de Castelo (AJUCA), que oferecia, ao longo dos anos, oficinas de dança folclórica, teatro, balé, esporte, danças urbanas, capoeira e quadrilhas juninas. Essas atividades culminam em apresentações realizadas durante as festividades de junho, com a participação de crianças, adolescentes e jovens da comunidade.

Entre os anos de 2011 e 2016, ocorria o evento “Arraiá do Povo” em que tornava-se uma das principais celebrações juninas do município, reunindo escolas públicas e grupos culturais em apresentações coletivas que resultam de um processo pedagógico-cultural orientado por educadores e historiadores. Os grupos juninos da cidade, além de se apresentarem localmente, também participam de festivais regionais, como o Festival Junino de São Miguel do Tapuio, fortalecendo o protagonismo juvenil e promovendo intercâmbios culturais significativos.

No que tange à organização do currículo escolar, a rede municipal de ensino vem implementando, desde 2025, a educação integral, contemplando estudantes da Educação Infantil ao 9º ano. Nesse novo modelo, projetos interdisciplinares são planejados ao longo de todo o ano letivo, incorporando os festejos juninos desde as etapas iniciais do planejamento pedagógico. Essa abordagem favorece a integração entre saberes e o desenvolvimento de competências múltiplas, ao mesmo tempo em que valoriza as tradições locais.

Um exemplo notável de articulação entre práticas pedagógicas e cultura popular é a horta escolar mantida pelo CETI Cônego Cardoso, que funciona como um laboratório de educação ambiental. Os alimentos cultivados pelos próprios alunos são utilizados na merenda escolar e integram as atividades festivas do período junino, como colheitas temáticas, decoração e

apresentações culturais, promovendo o vínculo entre sustentabilidade, cultura e alimentação saudável.

A Jornada Pedagógica de 2025, promovida pela Secretaria Municipal de Educação, enfatizou os princípios de equidade, inclusão e atendimento à diversidade, criando bases sólidas para a realização de festividades juninas mais inclusivas e abertas à participação plena de todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiência. Assim, as festas tradicionais são ressignificadas como instrumentos para o fortalecimento de valores sociais, convivência democrática e empatia.

O projeto “Juventude e Cidadania”, de 2005 a 2016, consolidava-se como um eixo articulador entre educação e cultura, promovendo oficinas permanentes e eventos de grande alcance comunitário, inclusive em parceria com instituições como o Banco do Brasil. As ações envolvem desde a criação de coreografias e encenações até a capacitação para a gestão de eventos culturais, contribuindo para a formação cidadã e artística dos jovens.

Dessa forma, conclui-se que, no município de Castelo do Piauí, as festas juninas, quando inseridas no âmbito da Educação Formal, desempenham papel pedagógico relevante ao reforçarem conteúdos curriculares e promoverem valores como a inclusão, a identidade cultural e o engajamento dos estudantes. Por sua vez, na Educação Não Formal, as festividades atuam como catalisadoras de integração comunitária, expressão artística e fortalecimento do protagonismo juvenil. Projetos como o da AJUCA e eventos como o Arraiá do Povo evidenciam a capacidade de articulação entre escola, comunidade e cultura, resultando em celebrações juninas ricas, plurais e sustentáveis do ponto de vista cultural e social.

4.0 Anarriê e Alavantú - dos Passos para o Saber: Proposta Pedagógica e Transposição Didática

Neste capítulo, serão apresentadas algumas propostas de atividades desenvolvidas no âmbito das quadrilhas juninas, as quais podem servir como referência para professores interessados em incorporar elementos da cultura popular brasileira às suas práticas pedagógicas. Tais atividades incluem tanto quadrilhas estilizadas quanto as tradicionais, permitindo uma abordagem diversificada e contextualizada das festividades juninas no ambiente escolar.

A elaboração deste capítulo tem como objetivo oferecer sugestões metodológicas que possibilitem o trabalho com os festejos juninos de maneira interdisciplinar, lúdica e significativa. Compreendendo o potencial educativo das manifestações culturais, propomos aqui o uso das festividades como ferramenta didática capaz de promover o diálogo entre saberes populares e conteúdos curriculares.

Nesse sentido, serão apresentadas possibilidades de sequências didáticas voltadas para o ensino fundamental, que podem ser adaptadas de acordo com a realidade de cada escola. Essas sequências envolvem práticas como a organização de coreografias, a pesquisa sobre a origem das festas juninas, a produção de textos informativos e narrativos, bem como a confecção de adereços típicos, entre outras atividades integradoras.

Assim, este capítulo busca não apenas valorizar a cultura junina como patrimônio imaterial brasileiro, mas também fornecer subsídios teóricos e práticos para a construção de um ensino mais dinâmico, participativo e culturalmente sensível.

4.1 Entre Temáticas, Práticas e Narrativas: Quadrilhas Juninas e Transposição Didática

A transposição didática é um conceito e uma prática de grande relevância para nós educadores do século XXI, que enfrentamos o desafio constante de nos reinventarmos em nossas práticas pedagógicas. Somos frequentemente cobrados para tornar nossas aulas mais agradáveis, dinâmicas e conectadas não apenas aos currículos locais, mas também às festividades e datas comemorativas presentes no calendário escolar.

Essa articulação entre o conteúdo formal e os contextos culturais e sociais permite uma abordagem mais significativa e contextualizada do ensino, favorecendo a motivação dos alunos e a construção de conhecimentos que dialogam com sua realidade cotidiana. Assim, a transposição

didática torna-se um instrumento essencial para a mediação entre o saber científico e a prática educativa, adaptando os conteúdos para que sejam acessíveis e relevantes ao público escolar.

Nesse contexto, podemos afirmar que *Transposição Didática*, em seu sentido mais específico, refere-se à transformação do saber científico em saber que será ensinado. Essa transformação não deve ser entendida como uma simples mudança de lugar do conhecimento. Trata-se, na verdade, de um processo pelo qual o saber científico é modificado para se adequar ao contexto e às necessidades do ensino.

É um conceito criado pelo pesquisador francês Yves Chevallard na década de 1980, que propôs que o conhecimento científico não é simplesmente transferido para a sala de aula; ele passa por um processo de transformação para se tornar ensinável. Esse estudioso ainda acrescenta que a transposição didática:

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os *objetos de ensino*. O ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de *transposição didática*.” (Chevallard, 1991, p.39)²

Em termos práticos, o conhecimento científico, também denominado conhecimento acadêmico, refere-se ao saber produzido por especialistas, pesquisadores e cientistas, por meio de métodos sistemáticos e rigorosos de investigação. Trata-se, frequentemente, de um saber complexo, caracterizado pelo uso de linguagem técnica, teorias abstratas, conceitos especializados e elevado nível de elaboração teórica.

Dada essa complexidade, torna-se necessário um processo de mediação entre o conhecimento científico e o público escolar. Esse processo é geralmente realizado pelo professor ou por meio de materiais didáticos, que têm a função de "traduzir" esse saber acadêmico em formas acessíveis aos estudantes. Tal tradução, no entanto, não é meramente uma conversão linguística, mas envolve uma série de decisões pedagógicas, como a simplificação de conteúdos, a seleção dos aspectos mais relevantes e apropriados ao nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos, e a reorganização do conteúdo para fins didáticos.

Nesse sentido, a transposição didática consiste na adaptação do saber científico original para o contexto educativo. Ela requer a escolha criteriosa dos elementos essenciais a serem ensinados, a adequação da linguagem empregada, bem como a estruturação lógica e progressiva do

² Yves Chevallard e o conceito de transposição didática. In: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5269/5269_4.PDF.

conteúdo, de modo que este possa ser compreendido pelos alunos e inserido em uma sequência didática coerente com os objetivos de aprendizagem.

É importante destacar que o conhecimento que chega efetivamente ao aluno por meio de aulas, livros didáticos, exercícios, projetos e outras estratégias pedagógicas não corresponde exatamente ao saber científico original. Isso ocorre porque, ao ser transposto, esse conhecimento sofre modificações necessárias à sua didatização. Tais alterações não diminuem seu valor, mas visam torná-lo significativo e acessível no contexto do ensino e da aprendizagem.

É o que foi realizado neste capítulo, apresentamos sequências didáticas que foram concebidas e desenvolvidas a partir de conhecimentos acadêmicos e técnicos, os quais foram simplificados com o objetivo de serem aplicados em contextos escolares. Como exemplo, podemos citar um conhecimento de base científica e cultural que serve como ponto de partida: “*a origem histórica das festas juninas*”, abordando suas influências europeias e a cristianização de festas pagãs.

Além disso, exploramos aspectos da cultura popular, como danças, músicas, culinária e vestimentas típicas; elementos da geografia, como as regiões brasileiras que mais celebram a festa e as condições climáticas do período; questões relacionadas à economia e à agricultura, como o cultivo do milho, a produção de comidas típicas e a festa como espaço de comercialização; e ainda, questões sociológicas, como as tradições populares, a religiosidade e a identidade regional.

Esses conteúdos, em sua forma original, são complexos e voltados para especialistas. No entanto, por meio da transposição didática, é possível transformá-los em saberes acessíveis e adequados aos alunos da educação básica.

Na Educação Infantil, por exemplo, pode-se trabalhar a cultura popular de forma lúdica, por meio de atividades como:

- Dança da quadrilha com coreografias simples;
- Pintura de bandeirinhas e trajes típicos (caipiras);
- Contação de histórias sobre São João e os balões;
- Trabalhar as lendas regionais em forma de dança ou teatro.

Dessa forma, o conteúdo religioso e histórico da festa é adaptado para atividades lúdicas, sensoriais e motoras, alinhadas ao desenvolvimento infantil.

Se aplicarmos a mesma proposta no Ensino Fundamental Anos Finais, o objetivo pode ser “compreender as tradições culturais e desenvolver habilidades interdisciplinares.” Nesse caso, as disciplinas envolvidas poderiam ser:

- Língua Portuguesa: produção de textos como convites para a festa ou receitas típicas;
- Matemática: resolução de problemas envolvendo preços das barracas, contagem de alimentos e medidas para preparo de receitas;
- História e Geografia: estudo dos mapas das regiões do Brasil e identificação das comidas típicas de cada uma;
- Arte: confecção de decorações, como bandeirinhas, cartazes e figurinos.

Nessa proposta, a transposição didática ocorre por meio da contextualização de saberes culturais e matemáticos em práticas cotidianas e prazerosas, como a organização de uma barraca ou o preparo de uma receita simples.

Nas quadrilhas estilizadas, a escolha e o desenvolvimento de temáticas desempenham um papel fundamental na construção das apresentações juninas. É por meio desses temas que se dá vida ao espetáculo, permitindo uma narrativa mais elaborada e rica em significados culturais, históricos e simbólicos.

Ao contrário das quadrilhas tradicionais, que geralmente seguem um formato mais simples, centrado na dança, nos passos coreográficos e nas músicas típicas, as quadrilhas estilizadas buscam incorporar elementos artísticos e narrativos que dialogam com diferentes aspectos da realidade sociocultural brasileira, agregando maior valor estético e reflexivo às suas apresentações.

A criação de uma temática exige sensibilidade artística e compreensão profunda dos contextos regionais, sociais e culturais nos quais a quadrilha está inserida. Nesse processo, valoriza-se a identidade de um povo, suas memórias, tradições e experiências coletivas. A quadrilha Filhos da Massa, anteriormente denominada Junina Massacará, é um exemplo expressivo desse compromisso com a cultura local. Em suas produções, os temas propostos entre os anos de 2009 e 2025 refletem uma preocupação constante com a valorização da cultura piauiense e com a representação artística de elementos que compõem a identidade do estado.

A seguir, são listados os temas trabalhados pela quadrilha ao longo dos anos:

- 2009: *Luiz Gonzaga, o Rei do Baião*

- 2010: *Nesse São João eu conto o Piauí*
- 2011: *Saudades das Noites de São João, Massacará Festeja Essa Tradição*
- 2012: *No Puxado da Sanfona: Massacará Canta e Dança os Amores de São João*
- 2013: *As cores do sertão no São João de tradição*
- 2014: *Amor e Confusão, Uma Peleja de Amor no Sertão*
- 2017: *Um sonho de amor no São João*
- 2022: *São João, Sagrado ou Profano?*
- 2023: *Ouro Doce, Nossa Riqueza!*
- 2024: *Sebastiana, Acordes de Pisar o Chão*
- 2025: *Ataliba*

Destaca-se a nossa participação ativa na concepção e desenvolvimento das temáticas propostas nos anos de 2022 a 2025. Durante esse período, reunimo-nos com toda a direção artística da quadrilha para a idealização do projeto, desde a escolha do nome do tema até a elaboração do roteiro e da narrativa que sustentaria a encenação.

No ano de 2023, por exemplo, a temática *Ouro Doce, Nossa Riqueza!* retratou o período canavieiro no Brasil, situando a narrativa em um contexto histórico marcado pela presença do coronelismo e pelas trocas desiguais, como o escambo de sacas de açúcar por benfeitorias. O enredo abordava conflitos sociais e relações de poder típicas daquela época, destacando a dureza da vida no campo e a resistência das populações nordestinas.

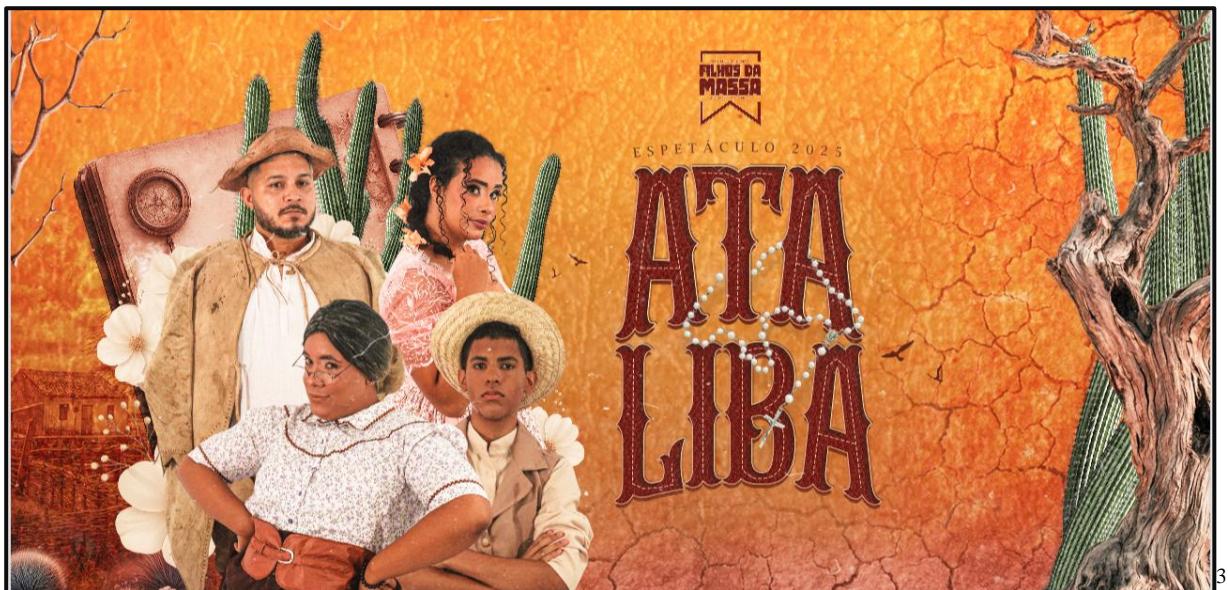
Em 2024, a temática *Sebastiana, Acordes de Pisar o Chão* teve como objetivo homenagear uma importante figura viva da cultura piauiense: a sanfoneira Sebastiana, reconhecida oficialmente como Patrimônio Vivo do Estado do Piauí. Essa escolha foi motivada pelo desejo de prestar uma homenagem ainda em vida à artista, destacando sua trajetória pessoal, suas lutas e conquistas. O contexto histórico aqui retratado é mais recente, sendo construído a partir de episódios marcantes da vida da homenageada e de sua relação afetiva com a música nordestina.

Após a definição da temática, o passo seguinte consiste na seleção das músicas que irão compor a trilha sonora do espetáculo. Essa escolha é criteriosa e busca refletir com fidelidade o conteúdo temático e o enredo proposto. Em 2024, por exemplo, as canções escolhidas foram baseadas nos gostos pessoais da personagem homenageada.

Como Sebastiana é uma grande admiradora de Luiz Gonzaga, optamos por utilizar músicas do cantor, que esteve presente em diversos momentos marcantes da vida da sanfoneira. O espetáculo foi então estruturado de forma teatralizada, com cenas que incluíam o primeiro contato de Sebastiana com a obra de Luiz Gonzaga, sua rotina na roça, seu casamento transmitido pela televisão e, ao final, uma homenagem a todas as mulheres nordestinas.

Dessa forma, a apresentação se constituiu como uma verdadeira fusão entre teatro, música e dança, criando uma narrativa coesa e emocionante que encantou o público. A escolha consciente e estratégica das temáticas, aliada a um trabalho coletivo de pesquisa, criação e encenação, reforça o compromisso da quadrilha Filhos da Massa com a valorização da cultura popular e com a formação artística de seus integrantes.

Figura 8 - Temática da Filhos da Massa 2025



Fonte: arquivo do pesquisador

Em 2025 o tema Ataliba contará a história do vaqueiro que viveu nas bandas da antiga Marvão (atual Castelo do Piauí), a escolha desta temática se deu pela valorização de obras piauienses e a escolhida foi “Ataliba, o Vaqueiro” de Francisco Gil Castelo Branco, um piauiense que viveu sua vida no Rio de Janeiro e no exterior, esta foi sua obra clássica, em que descreveu a seca que devorou o Estado, na segunda metade do século XIX, sendo talvez o primeiro regionalista brasileiro.³

As canções para o espetáculo foram selecionadas de acordo com a temática, nelas constam aspectos como a seca, o regionalismo, o sertão, o próprio vaqueiro, além de composições próprias que retratam a história e elementos que constam na obra original.

³ Arte da faixa de abertura do espetáculo da junina, idealizada por:
<https://www.instagram.com/emanuell.alvs?igsh=bG5rM3pqeXJzdDFn>

Para a construção destas temáticas destaca-se a importância de levar em conta o enredo adequado a proposta, observar se o tema é relevante para a cultura regional, se tem algum impacto de relevância social e sua contribuição para a valorização da cultura local.

Como por exemplo o enredo da temática “Ataliba” que foi baseada em uma obra literária, seu enredo não pode fugir do contexto que é apresentado na obra, um exemplo a ser citado é que na obra os personagens Ataliba e Teresinha não se casam, já no tema foi colocado o casamento, por ser um item obrigatório das quadrilhas estilizadas, na elaboração do enredo foi-se feito uma adaptação da obra sem fugir dos elementos presentes no livro. Então como no exemplificado fazer adaptações para ter um bom enredo envolve compreender a essência do tema escolhido e ajustá-lo para que seja viável sua execução sem perda dos elementos essenciais da fonte de inspiração.

4.2 Do Popular ao Escolar: A Junina Filhos da Massa como Instrumento de Transposição Didática

Neste tópico, propomos apresentar algumas sugestões de atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas em sala de aula a partir de temáticas inspiradas nas quadrilhas juninas. As propostas aqui descritas podem ser adaptadas para diferentes séries do Ensino Fundamental, de acordo com os objetivos específicos de cada componente curricular e os conteúdos que o(a) professor(a) desejar abordar.

O objetivo principal é demonstrar como elementos da cultura popular brasileira, especialmente aqueles presentes nas festas juninas, podem ser incorporados de maneira significativa ao processo de ensino-aprendizagem. A quadrilha junina, como manifestação cultural rica em simbolismos, tradições e narrativas, oferece inúmeras possibilidades de articulação com temas transversais e interdisciplinares.

Para exemplificar essa proposta, tomaremos como referência as temáticas desenvolvidas pela quadrilha junina *Filhos da Massa* nos anos de 2023, 2024 e 2025. Especificamente, as temáticas foram: 2023 *Ouro Doce, Nossa Riqueza*; 2024 *Sebastiana, Acordes de Pisar o Chão*, 2025 *Ataliba*.

Tais temáticas permitem o desenvolvimento de atividades integradas que contemplam áreas como Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Artes e Educação Física, entre outras. A seguir, exemplificaremos como cada uma dessas temáticas pode ser trabalhada pedagogicamente,

de maneira a enriquecer o currículo escolar e promover uma educação contextualizada, significativa e culturalmente sensível.

Temática da Junina Filhos da Massa (2023): Ouro Doce, Nossa Riqueza!

Sinopse:

Retratou o período canavieiro no Brasil, situando a narrativa em um contexto histórico marcado pela presença do coronelismo e pelas trocas desiguais, como o escambo de sacas de açúcar por benfeitorias. O enredo abordava conflitos sociais e relações de poder típicas daquela época, destacando a dureza da vida no campo e a resistência das populações nordestinas.

Transposição Didática:

Adaptação para o Ensino Fundamental Anos Iniciais:

Série: 4º ao 5º.

Tema: "O Ciclo do Açúcar e o Coronelismo".

a) Conteúdo temáticos.

- Período canavieiro no Brasil.
- Relações sociais no campo: coronelismo e escambo.
- Cultura nordestina e resistência popular.

b) Sequências Didática:

1. *Roda de Conversa:* Apresentar o que é o ciclo do açúcar, quem eram os coronéis e como funcionava a troca de produtos no campo. Usar ilustrações ou vídeos animados.
2. *Contação de História:* Criar uma narrativa fictícia (com personagens infantis) que vivenciam um engenho de açúcar, explorando as dificuldades e desigualdades da época.
3. *Oficina de Produção:* Produzir cartazes com elementos visuais da época (engenhos, sacas de açúcar, casas-grandes, senzalas etc.).
4. *Dança Temática:* Encenar uma quadrilha ou uma performance coreográfica onde os personagens representem trabalhadores rurais, coronéis e comerciantes, destacando as trocas e as injustiças com uma linguagem acessível e lúdica.
5. *Reflexão do conteúdo:* Conversar sobre o que é justo ou injusto, relacionando com a vida no campo e o trabalho infantil hoje.

c) Sugestão de Atividade Avaliativa:

- Participação nas atividades.
- Produção de desenhos ou histórias curtas sobre o tema.
- Envolvimento na dança temática.

Temática da Junina Filhos da Massa (2024): Sebastiana, Acordes de Pisar o Chão.

Sinopse:

Homenageia a sanfoneira piauiense Sebastiana, reconhecida oficialmente como Patrimônio Vivo do Estado do Piauí. Destacando sua trajetória pessoal, suas lutas e conquistas. Tendo como contexto histórico um passado recente, construído a partir de episódios marcantes da vida da homenageada e de sua relação afetiva com a música nordestina.

Transposição Didática:

Adaptação para o Ensino Fundamental Anos Iniciais:

Série: 1º ao 5º.

Tema: "Homenagem à Cultura Viva"

a) Conteúdo temáticos.

- Trajetória de Sebastiana, sanfoneira piauiense.
- Cultura nordestina e valorização da música regional.
- Patrimônio cultural vivo.

b) Sequências Didática:

1. *Audição:* Ouvir músicas tocadas por Sebastiana ou similares (ex: Luiz Gonzaga, Dominguinhos) e conversar sobre os instrumentos (sanfona, zabumba, triângulo).
2. *História Ilustrada:* Apresentar a vida de Sebastiana em forma de história em quadrinhos ou livro ilustrado.
3. *Atividade Artística:* Produzir sanfonas de papel, máscaras ou roupas típicas para a quadrilha.
4. *Dança Temática:* Coreografar uma quadrilha ou performance inspirada na trajetória da sanfoneira, com trechos musicais ao vivo ou gravados, valorizando a figura feminina e a cultura nordestina.
5. *Oficina de Ritmos:* Experimentar ritmos do forró com instrumentos simples (latinhas, garrafinhas com arroz etc.).

c) Sugestão de Atividade Avaliativa:

- Criatividade nas produções.
- participação nas atividades musicais e de dança.
- Compreensão sobre quem é Sebastiana e o que ela representa.

Temática da Junina Filhos da Massa (2025): Ataliba.

Sinopse:

Narra a história de *Ataliba, o Vaqueiro*, com base na obra homônima do piauiense Francisco Gil Castelo Branco, a obra-prima descreve, com sensibilidade e precisão, a devastadora seca que assolou o Estado do Piauí na segunda metade daquele século, revelando as agruras e a resistência do sertanejo. As canções que compõem o espetáculo foram selecionadas de acordo com a temática da obra. Estão presentes elementos como a seca, o regionalismo, o sertão e o cotidiano do vaqueiro. Além disso, há composições autorais que retratam episódios da narrativa original, contribuindo para uma ambientação fiel e poética da trajetória de Ataliba.

Transposição Didática:

Adaptação para o Ensino Fundamental Anos Iniciais:

Série: 4º ao 5º ano.

Sequência Didática (04 aulas de 45 min. cada)

Tema: "Ataliba, o Vaqueiro – Vida, luta e cultura no sertão"

Objetivos:

- Desenvolver a leitura e a escuta por meio de uma narrativa adaptada.
- Conhecer elementos da cultura e realidade do sertão piauiense.
- Problematizar valores como coragem, persistência e identidade regional.
- Elaborar textos simples e expressar-se por meio de músicas, desenhos e dramatizações.

Aula 01 (45 min):

Introdução: Quem é Ataliba?

- Apresentar o personagem Ataliba e o cenário do sertão.

Atividades:

- Contação da história adaptada (oralmente ou em texto simples).
- Conversa sobre o que é o sertão e o que os alunos já sabem sobre vaqueiros.
- Registro no caderno: desenho do personagem e escrita do nome dele.

Recursos sugeridos: Livro adaptado ou resumo ilustrado, imagens, papel, lápis de cor.

Aula 02 (45 min):

O sertão na Música: Representação do Sertão na Musicalidade dos “Filhos da Massa”

- Apresentar como as músicas da quadrilha junina Filhos da Massa representa o sertão piauiense e seus personagens.
- Reconhecer a música como forma de expressão cultural.

Atividades:

- Audição das músicas da quadrilha junina Filhos da Massa de 2025.
- Conversa: O que a música conta? Como se sentem as pessoas do sertão?
- Desenho livre inspirado na música.

Recursos: Caixa de som, letra das músicas impressa, papel e lápis de cor.

Aula 03 (45 min):

As Aventuras de um Vaqueiro: Recontar a História de Ataliba o Vaqueiro

- Estimular a leitura, criatividade e a produção textual.

Atividades:

- Releitura coletiva de um trecho da história.
- Produção de frases de efeito ou pequenas histórias a partir de imagens.
- Produção de um livrinho individual: “A reescrita da história do vaqueiro”.

Recursos: Fichas com imagens, caderno, lápis, livrinho de papel dobrado.

Aula 04 (45 min):

Socialização Final: Roda de Conversa e Relatos de Experiências

- Compartilhar a aprendizagem e valorizar a cultura local.

Atividades:

- Apresentação das atividades desenvolvidas para outra turma ou pais.
- Mostra de desenhos, livrinhos e bonecos criados.
- Roda de conversa: “O que aprendi com Ataliba e a junina Filhos da Massa?”

Recursos: Espaço para apresentação, murais, exposição dos materiais.

A sequência didática apresentadas a partir das temáticas da Junina *Filhos da Massa* (2023 a 2025) representa uma prática pedagógica de elevado valor formativo, ao articular saberes escolares aos elementos da cultura popular nordestina. Com base em temas como o ciclo do açúcar e o coronelismo, a valorização da sanfoneira Sebastiana e a trajetória do vaqueiro Ataliba, a proposta promove aprendizagens significativas e contextualizadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A incorporação de conteúdos ligados ao contexto sociocultural do Nordeste brasileiro, especialmente ao estado do Piauí, possibilita o fortalecimento da identidade regional dos estudantes, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao valorizar práticas culturais locais como componentes fundamentais da formação cidadã. Ao conhecer e reconhecer a riqueza de sua herança cultural, os alunos constroem um sentimento de pertencimento e valorização de sua história.

Nesse contexto, a estrutura das sequências didáticas apresentadas nessa monografia propicia o trabalho interdisciplinar entre os componentes de História, Geografia, Língua Portuguesa, Arte e Música, por meio de metodologias ativas como contação de histórias, oficinas criativas, dramatizações, rodas de conversa e produções artísticas.

Essas abordagens potencializam a aprendizagem ao mobilizar múltiplas linguagens e formas de expressão, respeitando os diferentes estilos de aprendizagem e promovendo o engajamento dos discentes.

Ao homenagear figuras como Sebastiana e Ataliba, e ao resgatar o ciclo do açúcar como fenômeno histórico e cultural, a proposta contribui para a educação patrimonial ao reconhecer a importância dos bens imateriais na constituição da memória coletiva. Essa abordagem dialoga com a noção de *patrimônio vivo* e promove uma leitura crítica do passado e do presente, incentivando o respeito às manifestações culturais da comunidade.

As temáticas escolhidas contemplam discussões sobre desigualdades sociais, resistência popular, empoderamento feminino e os desafios da vida no sertão. Ao promover debates sobre justiça, coragem, trabalho, música e sobrevivência em condições adversas, a sequência didática contribui para a construção de valores éticos e para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, em consonância com os princípios da educação humanizadora.

As atividades propostas como a produção de livretos, reescrita de histórias, rodas de conversa e registros artísticos favorecem o letramento em situações contextualizadas, promovendo o

uso funcional e expressivo da linguagem. Tal prática contribui para o avanço das habilidades de leitura e escrita, ao mesmo tempo em que estimula a criatividade e a autoria dos alunos.

As culminâncias das sequências didáticas, por meio de apresentações públicas, exposições e danças temáticas, aproximam a escola da comunidade e valorizam as produções dos estudantes em espaços de partilha e reconhecimento. Esse aspecto reforça a função social da escola como espaço de valorização da cultura local e como agente de transformação social.

A sequência didática inspirada nas temáticas da *Junina Filhos da Massa* configura-se como uma proposta educativa relevante por sua capacidade de integrar conteúdo curricular, cultura popular e valores formativos em uma perspectiva crítica e inclusiva. Ao lançar mão de recursos lúdicos, expressivos e interdisciplinares, favorece a aprendizagem significativa e promove o protagonismo dos estudantes no processo de construção do conhecimento.

5.0 Autobiografia e Identidade Cultural: Experiência da Quadrilha Junina Filhos da Massa

A autobiografia em diálogo com a identidade cultural oferece uma rica perspectiva para compreender os modos pelos quais sujeitos constroem e expressam suas histórias, pertencimentos e visões de mundo. No contexto da quadrilha junina *Filhos da Massa*, esse processo se revela de maneira particularmente significativa, pois envolve uma prática artística e coletiva que resgata, celebra e reinventa tradições culturais nordestinas. A quadrilha junina, mais do que uma manifestação folclórica, funciona como um espaço simbólico de resistência, afirmação e produção de identidades.

Ao escrever sobre si mesmos e sobre a vivência na quadrilha, nós, da *Filhos da Massa* realizamos um movimento de construção de nossa própria subjetividade, conectando experiências pessoais às narrativas históricas e culturais do Piauí. Através da dança, da música, dos figurinos e da teatralidade, elementos essenciais das festas juninas, os membros da quadrilha constroem um discurso de pertencimento que contraria visões estigmatizadas sobre o Nordeste e suas populações. Essa expressão artística permite que vozes muitas vezes marginalizadas ganhem espaço, visibilidade e reconhecimento, sendo, portanto, um exercício de cidadania cultural.

Nesse contexto, mesmo sabendo que a autobiografia, nos remete ao conceito que comumente está ligado a uma ideia de modalidade narrativa na qual o narrador se identifica de maneira explícita como o autor da própria trajetória biográfica, não pretendemos adentrar na celeuma teórica, nem tão pouco travar debates calorosos com os pós estruturalistas. Queremos mesmo é exercitar de forma prática e pegando emprestado o pouco que aprendemos sobre tal conceito para construirmos nossa narrativa e expressar nossas experiências.

Esse exercício narrativo, será articulado com nossas memórias, identidades e experiências individual, refletindo sobre as transformações históricas e culturais que valorizam nossas atividades artísticas, culturais e educacionais enquanto professor e brincante de quadrilha junina. Nesse contexto, não nos limitaremos a relatos individuais isolados mas em experiências histórico artística da própria quadrilha Filhos da Massa.

A experiência dessa junina ilustra como as manifestações populares podem ser compreendidas como espaços vivos de identidade, onde a tradição não é simplesmente reproduzida, mas ressignificada a partir das vivências contemporâneas de seus participantes. Assim, essa prática se configura como uma poderosa ferramenta de valorização cultural e de fortalecimento das identidades locais, em diálogo constante com a comunidade e com o contexto social mais amplo.

5.1 A Construção Dramatúrgica: A Filhos da Massa Também é Teatro

As quadrilhas juninas representam uma expressão cultural profundamente enraizada nas tradições brasileiras, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país. Dentre os elementos que compõem essas manifestações, destaca-se o momento teatral, cuja relevância se evidencia principalmente nas quadrilhas estilizadas, as quais se diferenciam das tradicionais pelo caráter mais elaborado e encenado de suas apresentações.

O teatro, nesse contexto, não se limita à função decorativa ou suplementar, mas emerge como um componente fundamental para a construção narrativa e para a ampliação do sentido cultural do espetáculo, possibilitando uma interação mais rica e significativa com o público. A teatralidade nas quadrilhas transcende a mera execução coreográfica e constitui um mecanismo essencial para a criação de uma narrativa que se desdobra ao longo do espetáculo, criando um vínculo emocional e afetivo entre os intérpretes e os espectadores.

Nas quadrilhas tradicionais, a dramaturgia costuma se concentrar em torno do casamento matuto, uma representação simbólica das tradições rurais, marcada pela presença de personagens típicos como o noivo, a noiva, o padre, os pais da noiva e o delegado. Essa encenação é frequentemente permeada por elementos humorísticos e caricatos, que remetem às práticas sociais do interior do Brasil, reforçando a identidade cultural da comunidade e promovendo a preservação dos costumes regionais.

Por outro lado, nas quadrilhas estilizadas, observa-se um aprofundamento do componente teatral, que vai além da simples reprodução do casamento matuto. O teatro é utilizado como ferramenta para desenvolver enredos mais complexos, dotados de conflitos, personagens multidimensionais e uma contextualização temática que se articula com questões sociais, históricas ou culturais específicas do momento. Essa dimensão dramatúrgica propicia uma maior expressividade e permite que o espetáculo dialogue com o presente, conferindo-lhe contemporaneidade e relevância.

A integração entre dança e teatro na quadrilha estilizada confere ao evento uma dinâmica singular, na qual os participantes são chamados não apenas a executar coreografias, mas também a encenar personagens, expressar emoções e construir significados a partir da interação corporal e verbal. Esse processo revela-se uma oportunidade pedagógica valiosa para o desenvolvimento integral dos envolvidos, uma vez que promove o aprimoramento de habilidades como a expressão corporal, a dicção, a oralidade, a improvisação e a cooperação em grupo.

O papel do professor, nesse cenário, é central. Ele deve atuar como mediador e facilitador da criatividade, estimulando os alunos e brincantes a contribuírem ativamente na elaboração do roteiro teatral, na criação dos diálogos e na concepção dos cenários e adereços. Tal prática pedagógica torna a quadrilha um espaço de aprendizagem multidisciplinar, onde as artes cênicas e a dança se entrelaçam para construir uma experiência artística que é, ao mesmo tempo, culturalmente significativa e emocionalmente envolvente.

No que tange à quadrilha Filhos da Massa, a função de diretor de teatro e artístico, que nos foi atribuída desde 2022, exige uma atuação multifacetada e estratégica. Esse papel ultrapassa a simples redação do texto dramático, abrangendo a concepção, organização e harmonização de todos os elementos teatrais do espetáculo. Nossa responsabilidade envolve a elaboração da narrativa central, o desenvolvimento dos personagens, a definição das expressões corporais, o ensaio das falas, bem como a criação e execução dos momentos dramáticos, humorísticos e das pausas que estruturam o ritmo da apresentação.

Esse trabalho exige uma visão holística do espetáculo, considerando tanto os aspectos técnicos quanto os artísticos, com o intuito de garantir que a teatralidade contribua para a coesão e a fluidez do espetáculo. Além disso, é fundamental que o processo criativo contemple as especificidades do grupo, suas capacidades e potencialidades, favorecendo um ambiente colaborativo e inclusivo.

A teatralidade, quando cuidadosamente desenvolvida e integrada de forma orgânica ao conjunto da apresentação, tem o poder de elevar a quadrilha a um patamar artístico mais sofisticado e expressivo. Ela transforma o que antes poderia ser visto apenas como uma dança folclórica em um espetáculo cênico completo, no qual elementos como enredo, personagens, figurinos, cenografia e performance se articulam para compor uma narrativa rica em significado.

Essa abordagem não apenas enriquece profundamente a experiência estética dos espectadores, tornando-a mais envolvente e memorável, como também amplia a participação e o engajamento dos próprios integrantes da quadrilha, que passam a desempenhar papéis mais complexos e expressivos, vivenciando a cultura de forma mais intensa e reflexiva.

O resultado é uma manifestação cultural autêntica, que mantém vivos os valores e símbolos tradicionais das festas juninas como a celebração do campo, da religiosidade popular, da coletividade e da alegria ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo produtivo com as exigências contemporâneas da arte e da educação cultural.

A presença do teatro na quadrilha estilizada, portanto, não deve ser compreendida apenas como um recurso estético adicional ou um adereço cênico complementar, mas como um componente estruturante e essencial da proposta artística.

Nesse sentido, o teatro não apenas dá forma ao conteúdo simbólico da quadrilha, como também potencializa sua dimensão estética e pedagógica. Ele contribui para a construção de uma experiência que é, ao mesmo tempo, sensível, educativa e transformadora, abrindo espaço para a reflexão sobre temas sociais, históricos e identitários, sem perder o caráter lúdico e celebrativo da festa.

Assim, a quadrilha estilizada se consolida como uma prática cultural relevante, multifacetada e viva, representando com vigor a riqueza das manifestações populares brasileiras e reafirmando seu lugar de destaque no cenário das expressões artísticas coletivas

Figura 10 - Marciel como Diretor Artístico/Teatro na Filhos da Massa

Fonte: arquivo do pesquisador

O trabalho exige sensibilidade para entender o tema escolhido pela quadrilha naquele ano, criatividade para transformá-lo em uma história envolvente e coerente, e



as



ir
e

organização para planejar cada etapa desde os ensaios, marcações de cena, figurinos específicos para o teatro, até a integração com coreografias e os elementos visuais do espetáculo.

Diferente das quadrilhas tradicionais, onde o foco teatral está centrado apenas no casamento, na Filhos da Massa buscamos além: damos profundidade ao enredo, criamos cenários simbólicos

personagens com personalidade própria, que juntos contam uma história com começo, meio e fim. A teatralidade, nesse contexto, é o coração pulsante da apresentação, pois é ela que emociona, que envolve o público e que dá sentido a cada passo dançado no arraial.

Desempenhar essa função dentro do grupo é, ao mesmo tempo, um desafio e uma honra, pois é através do teatro que conseguimos transformar a quadrilha em um verdadeiro espetáculo cênico, onde a cultura popular se mistura à arte dramática, gerando algo único e marcante. Ver os brincantes ganhando vida em cena, interpretando com verdade e alegria, é um dos maiores retornos que esse trabalho pode oferecer. É nessa construção coletiva, movida pela paixão e pelo compromisso com a arte, que o teatro dentro da quadrilha se torna uma experiência transformadora tanto para quem faz quanto para quem assiste. Além de toda a construção teatral e do envolvimento dos brincantes, há também o cuidado com os cenários que compõem as cenas do espetáculo. Dentro da Filhos da Massa, somos nós mesmos que idealizamos, confeccionamos e damos vida a esses elementos cênicos. Cada detalhe é pensado com carinho para complementar a narrativa e reforçar o impacto visual do teatro. Somos nós que montamos os cenários nas apresentações, que os carregamos de um lado para o outro durante os ensaios e os transportamos com cuidado para cada festival ou arraial.

Figura 10 - Teatro da Junina Filhos da Massa, 2022



Fonte: Arquivo do Pesquisador ⁴

⁴Sara Araújo (integrante da quadrilha) como noiva da junina, ao fundo Marciel como São João em diálogo com outro personagem do teatro. Instagram: <https://www.instagram.com/sarah.araujooo?igsh=aWNrcWljdXRqcmZh>

5.2 A Construção dos Figurinos: A Filhos da Massa e os Processos Criativos

O processo de escolha e produção dos figurinos juninos é uma etapa fundamental na construção de uma quadrilha estilizada, pois ele precisa transmitir o tema proposto pelo espetáculo de forma autêntica e criativa. O figurino deve estar alinhado com a proposta temática e o enredo, garantindo que os elementos visuais complementam a narrativa da apresentação.

Na criação do figurino do ano de 2024 propomos levar em consideração totalmente referente ao tema, todos os elementos que compõem o figurino de 2024 fazem parte do contexto em que queríamos trazer com a história de Sebastiana como: o elemento da sanfona (instrumento utilizado pela personagem) apresentado em todo o figurino, a cor vermelha referente a cor favorita da mesma, o amarelo representando o sol escaldante enfrentado por ela, o marrom representando o chão em que Sebastiana planta seus legumes, no arranjo a presença das teclas do teclado da sanfona, no corpo dos brincantes quisemos trazer a própria sanfona fazendo todo um efeito corporal nas coreografias da quadrilha:

Figura 11 - Croqui Junino (Damas e Cavalheiros) Filhos da Massa 2024



Fonte: Arquivo do Pesquisador

Autoria: Daniel Nunes, 2024⁵

⁵Perfil no instagram:https://www.instagram.com/daniel_nunesh29?igsh=MWwzMDhmZmxvY3A0OA%3D

A principal distinção entre o figurino de uma quadrilha junina tradicional e aquele utilizado em quadrilhas estilizadas reside na maneira como os elementos visuais e simbólicos são concebidos e inseridos no contexto da apresentação.

O figurino tradicional é fortemente inspirado nos trajes típicos das festas de São João, refletindo a simplicidade do ambiente rural e o caráter popular dessas celebrações. Composto geralmente por camisas xadrez, vestidos de chita, saias rodadas e chapéus de palha, esse figurino busca preservar e valorizar as raízes culturais nordestinas, reforçando a identidade de um Brasil interiorano e festivo. Tal vestimenta atua como um mecanismo de resgate das tradições populares, mantendo viva a memória coletiva das celebrações juninas em sua forma mais autêntica.

Em contrapartida, o figurino estilizado representa uma releitura contemporânea e criativa dos elementos tradicionais. Embora mantenha a essência e os símbolos culturais da festa junina, ele é transformado a partir de propostas temáticas específicas, frequentemente relacionadas a espetáculos que incorporam narrativas, cenários e elementos cênicos mais elaborados.

Nesse contexto, é comum a utilização de tecidos nobres ou diferenciados, como paetês, cetim e tule; cortes modernos e ousados; aplicações de pedrarias, strass e lantejoulas; além da presença de acessórios elaborados, com volumes exagerados e detalhes cenográficos que dialogam com diversas linguagens estéticas. Por vezes, essas composições incorporam influências de outras culturas, épocas históricas ou movimentos artísticos, ampliando os horizontes expressivos da manifestação junina.

No processo de confecção dos figurinos da quadrilha da qual faço parte, participeiativamente como idealizador e como colaborador direto ao lado dos brincantes. Essa atuação conjunta foi essencial para que conseguíssemos equilibrar sofisticação, criatividade e funcionalidade.

Para além da escolha de tecidos vistosos e acabamentos detalhados, exploramos o uso de materiais alternativos, como EVA e papelão, especialmente na composição dos arranjos utilizados pelas damas. Esses materiais foram estratégicos para proporcionar estrutura, leveza e volume aos acessórios, contribuindo para um impacto visual expressivo sem comprometer o conforto e a mobilidade dos dançarinos. A escolha por tais materiais reflete, ainda, uma dimensão sustentável e inventiva, característica marcante das quadrilhas estilizadas contemporâneas.

Desse modo, o figurino estilizado não apenas enriquece a cena com elementos visuais sofisticados, mas também reafirma o valor da cultura popular como um espaço dinâmico de criação, onde tradição e inovação caminham lado a lado.

Esse processo colaborativo não apenas fortaleceu o vínculo entre os integrantes do grupo, mas também ressaltou a importância do trabalho manual e da reinvenção de materiais no figurino junino. Assim, conseguimos demonstrar que é possível criar trajes luxuosos e bem elaborados dentro das possibilidades e realidades de cada grupo, assim o figurino estilizado pode criar um visual mais impactante e elaborado como pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 12 - Casal Junino (Adalberto Bezerra e Marciel) Filhos da Massa 2024



Fonte: Arquivo do pesquisador-**Local:** São João da Serra-PI

Na imagem apresentada vemos a obra e os artistas criadores, na execução do figurino quisemos trazer o máximo de realidade ao croqui idealizado, os tecidos escolhidos com a vivacidade das cores propostas. É importante que neste processo o professor juntamente com os alunos se propunha a fazer parte da confecção do figurino, como exemplo trago as pérolas que representam os botões da sanfona, nela todos os brincantes colaram suas pérolas levando em conta uma padronização.

Dentro do ambiente escolar, essa proposta pode ser adaptada para que os figurinos mantenham a essência das quadrilhas juninas estilizadas, mas com elementos mais tradicionais e com materiais mais acessíveis.

O professor pode orientar que a criação das saias sejam mais curtas com retalhos de chita (ou até mesmo só de chita), fitas coloridas, rendas e aplicações simples, tornando a produção mais viável economicamente.

Além disso, é possível substituir materiais sofisticados por versões alternativas, como papel laminado para dar brilhos, fazer as aplicações com EVA's, botões artesanais ou até mesmo reutilizando tecidos como nos *fuxicos*⁶, incentivando a criatividade e a sustentabilidade.

Essa abordagem pedagógica não só permite que os alunos compreendam a importância do figurino dentro da tradição das quadrilhas juninas, mas também promove o trabalho em equipe e a valorização do fazer manual; além disso, a produção do figurino pode ser integrada a disciplinas como Arte e História, proporcionando um aprendizado interdisciplinar sobre a cultura popular e/ou junina. Essa abordagem não apenas reduz custos, mas também fortalece o engajamento dos estudantes, tornando-os participantes ativos na preservação e valorização das tradições culturais.

Este processo participativo é importante para que os alunos desenvolvam um senso de participação colaborativa e desenvolvam habilidades de criação artísticas, importantes para o seu desenvolvimento psicoemocional e psicomotor.

5.3 Ensaios e Construções: A Filhos da Massa na Cadênciados Passos

Em cada passo ritmado e em cada batida do forró, ecoa mais do que o som de uma festa popular: reverbera a força da cultura, da coletividade e da identidade. A quadrilha junina Filhos da Massa, mais do que um grupo de dança, é expressão viva de uma tradição que resiste, se reinventa e emociona. Ao longo dos ensaios, entre risos, tropeços e passos ensaiados à exaustão, se constrói algo muito maior do que uma coreografia: constrói-se pertencimento.

Os ensaios da Filhos da Massa são como oficinas de memória. Ali, os jovens e adultos que participam não apenas aprendem a dançar, mas recriam uma narrativa cultural que liga o passado ao presente, o campo à cidade, a raiz ao gesto. Cada passo ensaiado carrega símbolos e significados que atravessam gerações, fazendo da dança uma linguagem de resistência e celebração.

⁶ O **fuxico** é uma técnica artesanal tradicional brasileira que consiste na união de pequenos círculos de tecido (reutilizados ou não) franzidos e costurados, formando padrões decorativos variados.

O processo de construção da quadrilha vai além da estética e da técnica. Envolve costureiras que bordam sonhos nas roupas coloridas, músicos que afinam o compasso da tradição, coreógrafos que traduzem sentimentos em movimentos e, principalmente, um coletivo que compartilha o desejo de manter viva a alma das festas juninas. “Na cadência dos passos”, como diz o subtítulo, há uma sincronia que não se aprende apenas com o corpo, mas com o coração.

A Filhos da Massa, ao se preparar para se apresentar, vive um ritual de afeto e pertencimento. Seus integrantes passam semanas ensaiando, entrelaçando histórias e formando laços que extrapolam a quadra de ensaio. A quadrilha, então, torna-se palco de encontros entre culturas, gerações, desejos e sonhos. É arte comunitária em sua forma mais vibrante.

Assim, entender os ensaios da quadrilha como “construções” é compreender que cada apresentação é resultado de um longo caminho de dedicação, criatividade e compromisso com a tradição. E é justamente essa cadência dos passos marcada pelo coletivo que mantém viva a força do São João, fazendo da dança um ato de celebração e resistência.

Nesta etapa cujo a nomenclatura apresenta o momento em que se acontece os ensaios da quadrilha iremos discutir e apresentar como acontece este momento considerado importante para o desenvolvimento coreógrafo da quadrilha, é nos ensaios que ocorre o que chamamos de aperfeiçoamento, na ocasião denominamos que o ensaio é considerado o momento em que a quadrilha ‘pode errar’, dizemos que é dedicado à aprendizagem coreográfica dos passos que serão adicionados nas músicas escolhidas.

Apesar das diferenças visuais e coreográficas que podem existir entre as quadrilhas tradicionais e as estilizadas, os ensaios de ambas seguem um direcionamento bastante semelhante: os brincantes, ou seja, os componentes, aprendem os passos e as coreografias de forma organizada, repetitiva e progressiva.

Nas quadrilhas tradicionais, há uma valorização maior da tradição, dos passos simples e da musicalidade regional, enquanto nas estilizadas há um apelo mais cênico, com coreografias mais elaboradas e teatrais. Ainda assim, em ambos os estilos, o foco nos ensaios está no aprendizado coletivo, na sincronia dos movimentos e no fortalecimento do grupo. O professor ou responsável pelos ensaios, principalmente em ambientes escolares, pode trabalhar esses momentos de forma didática e envolvente, utilizando estratégias que incentivem a participação e o entusiasmo dos alunos.

Uma das maneiras de tornar os ensaios mais leves e agradáveis é inserir atividades lúdicas no início dos encontros, como dinâmicas de grupo, brincadeiras temáticas ou pequenos jogos que estimulem a coordenação motora e a escuta ativa.

Essa interação inicial é essencial, especialmente quando se trata de crianças, adolescentes ou jovens, pois ajuda a criar um clima de acolhimento, reduz a timidez e fortalece o vínculo entre os participantes.

A ludicidade nos ensaios não apenas prepara o corpo e a mente para o que será ensinado, mas também transforma o ambiente em um espaço de aprendizado prazeroso, onde todos se sentem parte do processo. Dessa forma, o ensaio deixa de ser apenas uma repetição de passos, coreografias e teatro (casamento dos noivos) se torna uma vivência rica em cultura, socialização e expressão artística.

Figura 13 - Marciel à direita de azul como coreógrafo, no ensaio da Quadrilha Balanço do Rei, 2016



Fonte: Arquivo do Pesquisador⁷ **Local:** Unidade Escolar Vereador Waldemar Salles, Castelo do Piauí-PI

Como na imagem apresentada foi registrada durante os ensaios de uma quadrilha junina de um escola da rede municipal de Castelo do Piauí, na imagem estou como monitor da AJUCA (associação de juventude de castelo) em que foi locado vários monitores para as escolas em que tinham como objetivo a construção de uma quadrilha junina mais estilizada para competir no

⁷ Ensaios da Quadrilha junina Balanço do Rei em uma escola do município de Castelo do Piauí, a quadrilha se preparava para uma competição que ocorreu no festival ‘Arraiá do povo’ em Castelo, onde todas as escolas do município participaram.

festival de quadrilha do município na época, os ensaios eram feitos na quadra da escola após o dia letivo, eram realizados no turno da tarde, pois juntava-se os alunos do turno da manhã com os da tarde e ao fim do horário letivo da tarde nos reunimos na quadra da escola para realizar os ensaios, estes levavam cerca de uma hora e meia, pois não podia ficar muito tarde para a liberação dos alunos, o momento dos ensaios do casamento(teatro) também levava esta mesma metodologia.

A temática escolhida pela escola foi a de Homenagear o rei Luiz Gonzaga por isso o nome da quadrilha ser *Balanço do Rei*, toda a construção do espetáculo, desde a teatralidade, enredo até a musicalidade e o figurino, foi cuidadosamente pensada para refletir as descrições e os elementos presentes nas canções de Luiz Gonzaga. Dentro da proposta foi designado a junção dos dois modelos de quadrilha, a estilizada e a tradicional, onde que fazendo essa junção podemos usar e abusar da criatividade no de se diz respeito às coreografias e todo o conjunto que compõe o espetáculo como por exemplo: o figurino com tecidos de chita, os chapéus de couro e o gibão do vaqueiro, por exemplo, usados pelo casal destaque (anexo 1), foram inspirados diretamente nos personagens típicos retratados em suas músicas. A quadrilha tornou-se, assim, um tributo vivo ao legado de Luiz Gonzaga, levando para a cena não só a alegria do São João, mas também a identidade e o orgulho de um povo que dança ao som do baião. As imagens que ilustram os figurinos utilizados no espetáculo podem ser conferidas nos anexos 2 e 3, que complementam visualmente essa homenagem.

6.0 Metodologia

Segundo Richardson (2012, p. 22) “A metodologia são os procedimentos e regras utilizadas por determinado método”. Nesta parte, iremos esboçar a trajetória metodológica deste estudo, exibindo os propósitos da pesquisa; o modelo de estudo que será utilizado; o ambiente onde a pesquisa irá ser conduzida; os participantes envolvidos; os métodos de coleta e análise de dados; e as precauções éticas adotadas.

A pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa, com ênfase em uma abordagem autobiográfica e perspectiva etnográfica, explorando a vivência do pesquisador e dos participantes no contexto das quadrilhas juninas como práticas culturais e educativas. Também incorporou princípios da educação não formal e das metodologias ativas, valorizando a cultura popular como espaço de resistência, aprendizagem e construção identitária.

Ao tratar das quadrilhas juninas como manifestações culturais e educativas, optamos por metodologias que valorizam a experiência vivida, o pertencimento cultural e a escuta sensível dos sujeitos envolvidos.

Nesse contexto, foi adotada a abordagem autobiográfica, que se mostrou uma estratégia metodológica potente para refletir criticamente sobre a trajetória do próprio pesquisador enquanto agente cultural atuante no universo das quadrilhas juninas. A escrita de si permitiu a construção de um saber situado, sensível e comprometido com a realidade observada, contribuindo para a ressignificação das práticas culturais como fontes legítimas de conhecimento e como formas de resistência frente à hegemonia dos discursos acadêmicos tradicionais.

Além disso, a pesquisa incorporou elementos da etnografia, por meio da observação participante e da vivência direta com o grupo junino Filhos da Massa, sediado no município de Castelo do Piauí. A imersão nas práticas culturais e educativas desenvolvidas pelo grupo possibilitou a construção de um olhar aprofundado sobre os sentidos atribuídos às quadrilhas por seus integrantes e pela comunidade local, evidenciando a riqueza pedagógica contida nas expressões da cultura popular.

A investigação também dialoga com os princípios da educação não formal, reconhecendo que o aprendizado se dá em múltiplos espaços, para além da escola, e que práticas culturais como as quadrilhas juninas configuram-se como ambientes potentes de formação cidadã, fortalecimento de identidades e desenvolvimento de habilidades diversas. Nesse sentido, a proposta pedagógica desenvolvida com base nas temáticas do grupo Filhos da Massa (2023 a 2025) utilizou

metodologias ativas e expressivas, integrando conteúdos escolares à realidade sociocultural dos estudantes, promovendo assim uma aprendizagem contextualizada, significativa e humanizadora.

Dessa forma, a metodologia adotada articula vivência, memória, pertencimento e prática cultural como eixos estruturantes do processo investigativo, afirmando a legitimidade da cultura popular como espaço de produção de saberes e como ferramenta transformadora na educação.

6.1 Tipo de pesquisa quanto a abordagem

A realização desta pesquisa tem como procedimento metodológico a abordagem qualitativa, pois o esforço para entender como funciona o movimento junino demandará a adoção de técnicas vinculadas a procedimentos qualitativos. A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]. (RICHARDSON, 2012, p. 90).

A pesquisa tem como foco a compreensão de significados, valores culturais, identidades e processos educativos vinculados às quadrilhas juninas. Valoriza a interpretação subjetiva e contextual das experiências, não a quantificação dos dados.

Abordagem autobiográfica

Desenvolvida em partes na pesquisa e expressa no texto: “a abordagem autobiográfica adotada se mostrou uma estratégia metodológica potente.” valorizando a experiência pessoal do pesquisador como parte do processo de investigação. Permitiu também uma imersão crítica e reflexiva, integrando a própria trajetória do pesquisador como agente cultural à análise do objeto de estudo

Elementos etnográficos

Embora não seja nomeada diretamente como “etnografia”, a descrição do envolvimento com o grupo Filhos da Massa, a imersão na realidade local e a ênfase em práticas culturais apontam para um viés etnográfico uma vez que nós desenvolvemos:

- Observação participante
- Relatos de vivências
- Interpretação de práticas culturais in loco

Educação não formal e pedagogia cultural

A pesquisa também se alinha a uma metodologia educacional crítica, com base na pedagogia freiriana, por valorizar:

- A educação fora do espaço escolar tradicional
- A cultura popular como espaço legítimo de formação e aprendizagem
- O protagonismo dos sujeitos locais informações para entender determinado fenômeno”.

7.0 Considerações Finais

A presente pesquisa buscou compreender as quadrilhas juninas como manifestações culturais de profunda relevância social, histórica, educativa e identitária, especialmente no contexto do Nordeste brasileiro e, em particular, no município de Castelo do Piauí. Ao longo do estudo, foi possível identificar que essas expressões populares vão muito além do entretenimento: elas configuram-se como verdadeiros espaços de produção de conhecimento, resistência cultural e formação cidadã.

A oficialização das festas juninas como patrimônio cultural por meio da Lei nº 14.555/2023 representa um marco importante para o reconhecimento legal e institucional dessa prática, legitimando o "fazer quadrilha" como uma ação cultural com valor histórico e social. Nesse sentido, o trabalho destaca o papel central dos agentes culturais, que atuam de maneira contínua para manter viva essa tradição, mesmo diante das dificuldades estruturais e financeiras.

Ao refletir sobre a educação em espaços não escolares, a pesquisa evidenciou o potencial formativo das quadrilhas juninas. Seja na escola, como instrumento pedagógico interdisciplinar, seja em ambientes informais, como grupos culturais, essas práticas contribuem de forma significativa para o desenvolvimento de valores, conhecimentos e habilidades que muitas vezes não são plenamente contemplados na educação formal.

A experiência do grupo *Filhos da Massa*, revela como as quadrilhas podem resgatar e divulgar conteúdos culturais, históricos e literários frequentemente ausentes dos currículos escolares, aproximando os sujeitos de suas raízes e de saberes tradicionais. Tais práticas mostram que a cultura popular é também um espaço legítimo de aprendizagem e formação crítica.

Desse modo, as quadrilhas juninas não apenas resistem, mas reinventam-se, reafirmando seu papel como instrumentos de fortalecimento da identidade regional, de promoção da cidadania e de democratização do acesso à cultura. Espera-se que esta investigação contribua para o reconhecimento da importância das manifestações populares no campo educacional e para o incentivo a políticas públicas que valorizem e sustentem esses saberes em todo o Brasil.

Evidenciamos também que a educação deve ser compreendida como um processo amplo, contínuo e multifacetado, que se manifesta por meio de diversas modalidades e espaços de aprendizagem. A distinção entre educação formal e não formal, embora necessária do ponto de vista conceitual e estrutural, não deve ser vista como uma barreira, mas como uma oportunidade de articulação entre diferentes práticas pedagógicas. Ambas as modalidades cumprem papéis

essenciais na formação integral dos sujeitos, contribuindo, cada uma a seu modo, para a construção de saberes, valores e identidades.

Ao reconhecermos as quadrilhas como práticas pedagógicas e culturais legítimas, reafirmamos o compromisso com uma educação democrática, plural e enraizada nas vivências concretas dos sujeitos. Esse reconhecimento amplia as possibilidades de atuação educacional e fortalece o papel da cultura popular como vetor de transformação social.

Além disso, a abordagem autobiográfica adotada nesta pesquisa se mostrou uma estratégia metodológica potente, ao permitir a imersão crítica e reflexiva em nossa própria trajetória enquanto pesquisador e agente cultural. Essa perspectiva trouxe à tona experiências singulares e saberes construídos na vivência concreta das quadrilhas, ressignificando-os como fontes legítimas de conhecimento e como atos de resistência epistemológica frente à hegemonia dos discursos científicos tradicionais.

Compreender a quadrilha junina como espaço de aprendizagem e resistência cultural é, portanto, um passo importante na valorização de uma educação comprometida com a diversidade, com as múltiplas formas de saber e com os territórios culturais do Brasil. Espera-se que este trabalho contribua para a ampliação do debate sobre as interações entre educação, cultura popular e identidade, e inspire novas investigações que deem voz às narrativas silenciadas e às experiências formativas vividas nos mais diversos cantos do país.

A proposta pedagógica desenvolvida a partir das temáticas da Junina Filhos da Massa (2023 a 2025) evidencia o potencial transformador da educação quando esta se ancora na valorização da cultura popular e na realidade sociocultural dos estudantes. Ao integrar conteúdos escolares com elementos identitários do Nordeste, especialmente do Piauí, a sequência didática fortalece o vínculo entre o aluno e sua comunidade, promovendo uma aprendizagem significativa, contextualizada e humanizadora.

Nessa mesma proposta, a articulação entre disciplinas, por meio de metodologias ativas e expressivas, estimula o desenvolvimento de múltiplas habilidades cognitivas, sociais e emocionais, além de fomentar o pensamento crítico e o engajamento dos alunos. A homenagem a figuras como Sebastiana e Ataliba e a abordagem de temas como o ciclo do açúcar, o coronelismo e a resistência popular contribuem para a construção de uma consciência histórica e patrimonial, essencial à formação cidadã.

Além disso, ao promover a autoria, o protagonismo estudantil e a aproximação entre escola e comunidade reforça a função social da escola como espaço de reconhecimento, inclusão e

transformação. Assim, conclui-se que essa sequência didática representa uma prática pedagógica inovadora e comprometida com uma educação democrática, plural e culturalmente significa.

A partir da articulação entre autobiografia, memória e pertencimento cultural, compreendemos que nossa trajetória enquanto grupo ultrapassa o simples entretenimento, configurando-se como uma prática de resistência, afirmação e valorização da cultura nordestina.

Ao integrar elementos dramatúrgicos à performance junina, a Filhos da Massa reafirma a potência criativa e educativa das expressões artísticas populares. A teatralidade não apenas enriquece o espetáculo esteticamente, mas também amplia sua dimensão formativa, oferecendo aos participantes oportunidades de desenvolvimento pessoal, artístico e social. Trata-se de uma pedagogia do corpo e da cena, em que o brincar se entrelaça com o aprender, e a arte torna-se meio de transformação.

Nesse sentido, a quadrilha estilizada assume um papel fundamental na valorização das narrativas locais, na preservação de memórias coletivas e na criação de novas possibilidades de representação cultural. Ao ressignificar tradições e incorporar reflexões contemporâneas, a Filhos da Massa contribui para manter viva a cultura junina e fortalecer os laços entre o passado, o presente e o futuro de nossa identidade nordestina.

7.0 REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. Lei nº 14.555, de 25 de abril de 2023.

CAMPOS, J. D. festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. **Educ. Social**. Campinas-SP. Vol. 28, n. 99. p. 589-606, 2007. Disponível em: [SciELO - Brasil - Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos](#). Acesso em: 15 de mar. de 2024.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 2 ed. versão ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DEUS, F.; MELO, R. Castelo do Piauí: As várias faces de uma História. **Editora Halley**. Castelo do Piauí-PI, 2008.

FREITAS, R. Festas juninas nas escolas : dançando o Brasil em suas diferentes culturas. Goiânia- GO: **Inteligência Educacional**, 2022. Disponível em: <https://materiais.inteligenciaedu.com.br/e-book-festas-juninas-nas-escolas-dancando-em-suas-diferentes-culturas>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6, ed. São Paulo : **Atlas**, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal**, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. **Educação não formal e o educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

Josso, Marie Christine. **A autobiografia como prática crítica**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

PÁDUA, E. M. M. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. **Papirus editora**. 10 ed. 2016.

PAIVA, V. L. M. A Pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2., 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>.

PESSOA, J. M. Proposta pedagógica: Aprender e ensinar nas festas populares. In: BRASIL. **Aprender e ensinar nas festas populares**. Salto para o Futuro: MEC: TV Escola, 2007a. p. 03-14. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/aprender-e-ensinar-nas-festas-populares.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2025.

PESSOA, J. M. Festas juninas. In: BRASIL. **Aprender e ensinar nas festas populares**. Salto para o Futuro: MEC: TV Escola, 2007b. p. 37-43. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/aprender-e-ensinar-nas-festas-populares.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2025.

Portal club notícias, 2023. Conheça a Luar do São João: campeã do concurso de Quadrilhas Juninas da Globo de 2023. Disponível em: <https://portalclubenews.com/2023/06/20/conheca-a-luar-do-sao-joao-campea-das-quadrilhas-juninas-da-globo-de-2023/>. Acesso em: 11 de mar. de 2024.

RICHARDSON, R. *et al.* Pesquisa social métodos e técnicas. 3 ed. **Editora Atlas**. São Paulo-SP. 2012.

ROQUE, D. Festa junina não é Carnaval na Sapucaí. **Brasil 247**. 03 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/festa-junina-nao-e-carnaval-na-sapucai>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

SAURA, S. C. Manifestações populares e práticas educativas, dentro e fora da escola. **Rev Bras Educ Fís Esporte**. São Paulo-SP. 2013. p. 27-36.

SANTOS, M. F. Anavantu Juninação: análise do fazer e espetacularização da Quadrilha Junina Caipiras – Mata de São João - BA. Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - **Editora ANDA**. 2021. p. 3003-3014.

Yves Chevallard e o conceito de transposição didática. In: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5269/5269_4.PDF.

ANEXOS

Anexo 1:

Figura 15 - Casal destaque da Quadrilha Balanço do Rei, 2016



Fonte: Arquivo do Pesquisador- **Local:** Escola Waldemar Salles

Anexo 2:

Figura 16 - Componentes/alunos da quadrilha Balanço do Rei da escola Waldemar Salles, 2016



Fonte: arquivo do Pesquisador -**Local:** Pátio da escola Waldemar Salles

Anexo 3:

Figura 17 - Componentes/alunos da quadrilha Balanço do Rei da escola Waldemar Salles, 2016



Fonte: Arquivo do Pesquisador- **Local:** Pátio da escola Waldemar Salles

A Direita encontra-se o Casal de Noivos e a direita com figurino laranja a Rainha da quadrilha